

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

brique a braque



PROSA E POESIA — PÁGINAS ESCOLHIDAS

ALUSÕES A «BRIQUE-A-BRAQUE»

A essência do fato literário se deixa transparecer na plenitude de "Brique-a-Braque", obra literária de simples e claras pretensões que tem por finalidade registrar algumas criações felizes, nascidas da inspiração do poeta e escritor Ruy Afrânio Peixoto.

É de notar-se que os textos componentes da obra, escritos em forma de poesia ou prosa, foram cuidadosa e criteriosamente selecionados, de modo que esta pudesse deixar de vir à baila em breves pinceladas, alguns traços genealógicos de suas raízes, juntamente com tantas outras intenções.

Suas poesias são o que mais tocam à sensibilidade do leitor. Denotam, entre outros fatores, a peculiaridade do artista, evidenciada no tom leve e consonante de seus versos, somado a um profundo sentimento romântico, mas que repudia a autocomiseração. Isto tudo se relaciona com o conteúdo não de todos, senão de alguns de seus poemas.

No que concerne à forma, à aparência externa, vemos que o autor trabalha como genuíno artesão da arte maior de escrever poesias, o que é demonstrado na sua maneira habilidosa de dominar a métrica, a rima, todos os artificios da versificação. E, por sua vez, a linguagem acurada, aliada a uma sintaxe de cunho pessoal, deixa-nos ver que ao lado da criatividade se encontra um fundamentado conhecimento do Vernáculo de nossa terra.

Creio tratar-se de uma obra séria e que cumpre fielmente sua finalidade. Cabe-me, pois, enfatizar as razões que motivaram a sua elaboração, no sentido de procurar valorizá-la cada vez mais e não apontar pequenos e insignificantes deslizes cometidos ali e algures que longe estão de fazê-la menor em sua qualidade, dada a grandiosidade de sua importância.

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

Do meu irmão
Luiz Azeredo com
seu abraço do

(Ruy Peixoto)

12.2.80

BRIQUE-

A

-BRAQUE

(PÁGINAS ESCOLHIDAS)

1979

Índice

O Micro Herói	1	Chão de Estrelas	53
Sonho ou realidade	2	A Bondade de Assis	54
Gênesis	3	Circunspeto	55
Um trem que parte	5	A Genética do avô	56
Arte, privilégio dos humanos?	6	O Mundo dos Poetas	57
Até Quando?	7	Nota para o estudo da vida e obra de Afrânio Peixoto	58
O amor, pontificando	9	Paleontologia e a matemática	72
O Homem das Tormentas	11	Fantochê	73
Os Meus Encontros	12	O lago do cisne	74
A imagem de um ideal...	13	É Tarde Agora	75
Eu Vos Peço, Senhor	14	Arte e deteminismo	77
Último olhar	15	Mãe	79
Precariamente	16	Amor Egoista	80
Simão tenho que te dizer uma coisa	17	Meus Nervos Interioceptores	81
Toma, é teu!	18	Amanhã	82
Pedagogia esdrúxula...	19	Acróstico I	84
Jacarê	20	» II	85
Busca	21	» III	86
Trem e Relatividade...	22	» IV	87
Diálogo das Distâncias	23	» V	88
Átomos que sentem, amam e sofrem	24	As Virtudes do Amor	89
Gritos	25	O crítico literário Agripino Grieco	90
Figurinhas difíceis	26	Quase um exame forjado	101
Cogitações	27	Hai - Kais	105
A Causa Eficiente	29	Fantasia	109
A inquietação e os artistas	30	Retorno à Insipiência	110
Deo Gratias	31	Debalde	111
O Manguari e a grande cidade	32	Sublimação	112
Em Busca da Verdade	33	Mãos	113
Milenar lição para os que mandam e tombam	34	Anseios	114
Piece para o dia das mães	35	Amnésias	115
Fugas	36	Alvaro, meu pai, meu filho	116
Estrelas falam	43	O Bom Carnaval	117
Considerações de um fumante	44	E tudo, é Cáos?	123
Um estranho casamento	45	Calixta	125
O Pequeno Degrau	46	O Fim do Princípio	127
A solitária estrela	47	Compensações	128
Invençionices	48	No Caminho da Gnosiologia	129
Aquele Sonho	49	Minha Aspiração	130
Apenas eu e uma rosa	50	Estória de Futebol	131
No Crescente do Singular	51	Sete palmos de terra	138
ao Todo		Memória	145
		Gritos	146

APRESENTAÇÃO

Ex-alunos de Ruy Afrânio, de alguns anos atrás, voltamos ao seu colégio para buscarmos suas publicações.

Tinha o ex-mestre o costume de presentear com seus livros, nunca vendidos. Fomos encontrá-lo iniciando uma aula para cobrir o tempo por falta de um Professor na Turma de Patologia Clínica.

Como sabem seus alunos, quando isto acontece, pergunta ele à turma qual o ponto dado pelo professor e prossegue a matéria seja ela qual for: Matemática, Física, Química, Literatura, Inglês, Francês, Geografia, História, Filosofia ou qualquer outra.

Seria de Biologia a aula e uma aluna adiantou-se dizendo que o assunto a ser tratado era Fecundação. Logo em seguida outra aluna pediu-lhe que aproveitasse o tempo e desse no quadro negro uma poesia de sua autoria. Ruy Afrânio, tomando de um pedaço de giz, disse para a turma: - Copiem. E nós, visitantes, também copiamos "O Micro Herói", que vai impresso na página um deste livro.

Que literato, que poeta, teria sido Ruy Afrânio se apenas tivesse se dedicado à literatura! Já ouvimos de outras pessoas outros lamentos. Uns por ele não se ter dedicado apenas a música; outros por não ser apenas pintor e outros, pela escultura.

Antes de despedirmo-nos dele pedimos permissão para juntarmos alguns trabalhos de prosa e poesia para a constituição de um livro seu, que seria vendido (ele nunca vendeu nada) em prol da formatura de seus alunos.

Consentiu, denominando o livro de "Brique-a-Braque", contra nosso desejo que seria de "Páginas escolhidas", por seus alunos.

Fariamos indagações. Tudo acertado até mesmo a nossa "imposição" de fazermos a apresentação, em nome de seus ex-alunos. Procuramos o mais possível, verificar as datas dos seus trabalhos, sobretudo para justificar esta "apresentação" de lamentarmos profundamente que Ruy Afrânio não se tenha dedicado só à literatura.

Se publicou alguma coisa em literatura (Versos, em 1944; Poesias, 1956; Chão de Estrelas, 1961; Em Cada Esquina, Um Encontro, 1973) foi para presentear a seus alunos.

Se ao menos tivesse tempo para retocar seus versos (veja-se o sentido que deu, numa rápida revisão para este livro, no soneto Gritos, páginas 25 e 140, que publicamos ambos propositadamente), estaria entre os bons poetas do Brasil. Estória de Futebol publicado em Chão de Estrelas, recebeu no ano seguinte um elogio de um professor de Filosofia que declarou ter ele conseguido aquela mensagem por fugir da rima. Ruy Afrânio, uma semana depois, publicava o mesmo verso (pág. 131 a 137) com rimas e sem mudar quase nada...

Uns lamentarão dele não se ter dedicado somente a música, outros à pintura, outros à escultura e outros, como nós, à literatura, contudo, cremos que haverá um traço comum a todos nós, seus ex-alunos: Reconhecemos que Ruy Afrânio tem sido, acima de tudo, um Professor!

(J & R - 1979)

PREFÁCIO

Ruy Afrânio Peixoto: A eterna inquietação

"Inquietação - característica dos gênios" (R. A. P.)

1 - O Continente Ruy Afrânio é uma região que oferece inúmeras paisagens para fecunda exploração: o escritor, o poeta, o músico, o escultor, o educador, o jurista, o professor, o historiador, o lingüista, o pintor... Esta impressionante natureza pluridimensional é o que lhe dá, a seu modo, a categoria de um ser que atinge a medida misteriosa da genialidade.

2 - Sua atividade literária é marcada, também, pela variedade que nasce da inquietação de seu espírito, na busca incessante de atingir os segredos da alma humana... Qual faca de dois gumes, porém, esta inquietação vai provocar uma diversidade de gêneros e escolas dificilmente perdoada pelos "donos" da crítica oficial e que, do mesmo modo que a frase maldita de seu famoso tio, fechou, de certa maneira, para Ruy Afrânio, as portas da consagração nacional incontestável (pelo menos por enquanto).

3 - Estas suas "Páginas Escolhidas", dispersas em obras já esgotadas ou por esgotar, oferecem a visão de um ser humano de rara virtude, buscando a realização pessoal na cultura e na arte e encarnando o modelo de afirmação do destino glorioso da espécie em contato com o mundo elevado da espiritualidade.

4 - Esposei, de início, a tese de que a obra literária de Ruy Afrânio, qual Parnaso redivivo, é o produto de uma cultura aristocrática e distanciada da realidade crua das questões sociais. No entanto, o potencial admirável deste artista surpreendente é capaz de oferecer-nos páginas de tocante denúncia das misérias do homem, como "JACARÉ" (pág. 20), prova maior de que, nele, a visão do mundo até certo ponto alienante da cultura erudita, não matou a consciência da função social do fenômeno literário, estuário das milenares aspirações da humanidade em busca da paz, da justiça e do bem-estar.

5 - É esta humanidade, afinal, que desfila por estas páginas eternas e inquietas, num lamento profundo, traduzido pelo inesgotável "QUO VADIS?": "Para trás, o infinito... / Para frente, o incomensurável... / Que vim fazer no mundo?" A resposta o leitor há de encontrar com a leitura que este breve comentário procurou retardar o menos possível. A ela, pois.

Eder Rodrigues

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

O MICRO HEROI

(Improvísado ao quadro negro, na turma de Patologia Clínica em substituição a falta do Professor de Genética)

Passaram milhares na luta da Vida
buscando a vitória da grande corrida
que tem como prêmio trofeu microscópio
no encontro marcado na Trompa Falópio.
Há mais de dez horas a noiva esperava
à ser do primeiro e do Amor ser escrava
no abraço supremo do gozo total
na Ampola da Trompa, chegando afinal.

E como, no entanto, este heroi foi surgido
e quanto talento lhe foi conferido?

Trazendo em seus dotes milênios passados
chegou este bravo com tantos legados
nos seus Cromossomas — quarenta e seis são —
que são divididos na cisma do grão.
Mitose é esperança de um sonho almejado
que arruma seus pares em núcleo esquemado...

Agora um flagelo se faz já formado
de cauda vibrante, fazendo traçado.
Começa a corrida no utéreo percurso.
Milhões semelhantes, no mesmo concurso,
vencendo dos cílios terrível corrente
lhe são oponentes, tentando-lhe a frente.
Mas ele é o primeiro e já se meteu
em óvulo certo: só ele venceu!

No abraço amoroso se fundem num só
e agora é um ovo, no embalo rondó
em dança de cílios e impulsos de trompa,
que ao útero segue na mais rubra pompa.
E lá se duplica em vezes seguidas
em células novas que são bipartidas
durante a viagem da lua de mel.
E cinco, até sete, são dias sem fel...

Depois vem mudanças: cordão aprumado
que é o tubo neural que é bem liso e alvejado,
que cria um sistema por onde bem breve
opor-se ao seu mundo tão cedo se atreve,
pois logo se forma de escuros Sumitos
que trazem ao ser o sentir dos conflitos.
E agora se forma vital coração
que agita, que pulsa este ser de emoção!...

Silêncio, senhores! Silêncio profundo,
pois é mais um ser que se encontra no mundo!
E mesmo não sendo este ser pequenino
de todo formado pra ser um menino,
já traz dentro dele, na forma divina
de seus cromossomas de vida uterina,
o dar novos seres de vida risonha.
E mais, ele vive, já ama e já sonha...

SONHO OU REALIDADE ?

(Anuário da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu 1976)

Ao chegar à porta da capela funerária um rapaz o encarou com olhar duro como rifle apontando para o alvo. Luzes de velas dançavam, macabramente, nas paredes. Uma velha, chorosa, com olhar de neblina, ofegava; outra, macilenta, levantou-se, rangendo as articulações, e lhe estilhaçando uma ordem:

- Saia!

Agora, sentado num banco da pracinha em frente à capela, sentia os primeiros alfinetes da noite fria. Aos poucos foi deixando de ouvir a inquietante sirene dos mosquitos e de sentir a fina chuva que começava a cochichar nas folhagens.

As idéias carambolavam umas nas outras e o torpor do sono foi crescendo e fazendo o tempo voltar aos porões da memória.

Voltar para a tarde de sol, com nuvens acariciando o cume da serrania. E os pezinhos dela, macios, pisando na relva úmida cheia de borboletas espalhando cores nas sensitivas, ciumentas, que adormeciam ao roçar de suas pernas morenas.

No seu andar de garça afastava-se da terrível prepotência do irmão e da intolerância das duas velhas, tia e madrastra.

Foram longe, a um piquenique nos rochedos, ouvindo o mar reverberar nos paredões, espalhando alva renda líquida de espuma no colchão de cobalto.

O sol já ia alto, escalando o céu, quando da idéia do banho de mar.

E a roupa? Ora... tudo tão deserto... Afinal eles não se amavam? Era uma prova de confiança...

Naqueles olhos que sempre o olharam molhados de ternura ela sedimentou uma tristeza.

Não! Isto não!

E saiu correndo, com a blusa sobre os peitos, saculejada pelos seios duros de seus dezesseis anos. Corria, esvoaçando seus longos cabelos e fazendo subir a saia pendurada nos quadris. Desapareceu, de tão veloz.

A tarde chegou, com nuvens armando castelos para a batalha e, quando a noite surgiu, ele se perdeu na floresta de luzes da cidade. Encontrou-se num bar, bêbado, quando um galo procurava acordar a madrugada. Soube, então, da tremenda surra que seu irmão lhe dera. Iria enfrentá-lo, a ele e as velhas resmunguentas. Tentou caminhar e caiu na sargeta. Levado para casa, dormiu todo o dia quando, à noite, despertaram-lhe para a notícia do suicídio. Foi a capela com os pés de chumbo.

Um caixão, ladeado de círios, duas velhas, o irmão de olhar duro e a palavra estilhaçada:

- Saia!

O sol já ia a pino, desidratando-lhe o cansaço, quando acordou. Olhou para a capela. Estava vasia...

GÊNESIS

(O Estudante, agosto, 1945)

Quando surgi do abismo e ser no Espaço,
e, em enfim, no tempo finalmente ser,
não encontrei razão para viver
o conflito do lusco-fusco baço.

A mim mesmo, ascultando, a cada passo,
imaginei, decerto, o Bem sorver
e, na carne, busquei este prazer
na vertigem voraz do meu cansaço.

Desci ao Fui e Ser dos moribundos
para entender o Nada, entre os dois mundos,
e, no Presente, ver o desamor...

Entendi, afinal, que tudo passa,
e o ser humano vive essa desgraça
para volver melhor ao Criador!

UM TREM QUE PARTE

(Imagens Iguaçuanas, 1960)

Longe, ainda, já se ouvia o apitar do trem. Movimentava-se a Estação. Era o "Fumaça" que ia chegar, como já anunciava o sinozinho do Agente.

Garotos à postos, preparavam seus sacos de laranjas, suas cestinhas de biscoitos, doces de leite e roletes de cana.

As janelas abriam-se curiosas e das chácaras, que se debruçavam até a linha férrea, saíam espectadores ansiosos.

O trem ia chegar... Se bem que diário, era um acontecimento festivo, contudo, para a pacata cidadezinha, sem grandes preocupações.

Os trilhos já gargarejavam à aproximação da máquina ofegante, rumorosa, na sua majestade de civilização...

Da rua, onde pacientes burros tropeiros pisoteavam a lama, surgiam, roceiramente, os retardatários. O trem esperava...

O ar se impregnava de carvão e a máquina, exalando um ofegante suspiro, parava finalmente. Começava o movimento. Fisiônias eufóricas, sorrisos, amabilidades, troca de cortesias...

Eram conhecidos os que chegavam, porque só os conhecidos chegavam...

Com um plangente apito, que se perdia no eco das serras, partia, vagarosamente, o trem. E o tempo passou...

Centenas de pessoas, acotovelando-se, comprimindo-se, esperam, na extensa faixa de cimento, o trem que não tarda. E ele chega, o elétrico, rápido, como rápido estanca sua imensidão metálica, rangendo nos trilhos suas rodas freadas a ar comprimido.

A um só tempo, dezenas de portas se abrem para uma avalanche humana que se choca em outra, comprimida, cá fora, que vai afoguentando, para dentro do trem, homens socalcados. Fisiônias suarentas, cansadas, esgotadas do trabalho. Empurrões, impropérios, palavrões.

Há, ainda, centenas de pessoas na plataforma, enquanto já outras centenas cascadeiam pelas escadas, debulhando-se aos atropelos, para se arremessarem aos ônibus e lotações que se agitam, impacientes, nas pulsações de seus motores de explosão...

Uma buzina curta, despótica, anuncia, à um tempo o cerrar das portas e a partida do trem, instantânea, como veloz lacraia metálica do progresso.

Progresso...

SAUDADES DE UM NADA...

(A Flama setembro, 1948)

Com rosto bem juntinho do meu rosto
e a boca bem defronte à minha boca
lançaste o teu olhar, ao meu exposto,
sacudindo o meu ser, em ânsia louca...

E o decidir fatal, a mim imposto:
ou o amor, de distância muito pouca;
ou o amigo a quem nunca dei desgosto...
A vista escureceu... E a voz foi rouca.

Eu, contudo, contive o desafio
da volúpia febril desta vontade
de te beijar a boca em desvario.

Foi, talvez, porque tanto desejei
é que até hoje sinto uma saudade
daquele ardente beijo que eu não dei...

ARTE-PRIVILÉGIO DOS HUMANOS?...

(Folha de Poços, outubro, 1966)

Terão os animais senso estético? Tem sido questão muito controvertida, entre os estudiosos, este assunto. A maioria crê que os animais não tem sensibilidade artística e que mesmo as mais belas construções de ninhos ou refúgios são feitos por uma questão intuitiva, senão instintiva.

Claro está que a maioria admite ser a raciocínio dedutivo característica da inteligência humana. No entanto ratos, macacos e outros animais passam nos testes de ensaio-e-erro... Animais com experiências aprendidas transferem-nas para novas situações... Experiências com animais mostram que, muito mais que ensaios e erros de acaso, a aprendizagem ocorre como resultado da compreensão...

Sensibilidade, ou o conhecimento indutivo da arte é, contudo, outro problema... Tem sido objeto de discussão entre filósofos e cientistas, sobretudo psicólogos.

Exemplo interessante, de possível sensibilidade artística, é dado pelo *Chlamydera Maculata*, uma ave da Austrália que coloca, à entrada do ninho, flores de orquídeas.

Como estas flores não tem qualquer outra função e são postas pelo macho, acredita-se que são para "encantar" a fêmea enquanto esta choca os ovos...

Sensibilidade artística que, parece, não é só humana...

ATÉ QUANDO?...

(A Voz do Estudante, setembro, 1971)

Ó tu, que não tens cor, ou forma, ou peso
e que não tendo altura, comprimento,
nem largura ou sequer, por contrapeso,
existência medida em instrumento.

Ó tu que à aferição dás o desprezo;
e que fazes do tempo o teu evento
mas que um lugar no espaço é menospreso
e te chamam, apenas, pensamento!

Ó tu, Razão, que inspiras meu fazer,
que conduzes o agir, no agir amigo,
tendo feito um tabu do meu dever,

eu te pergunto, em ânsias perscrutando:
até quando, ó Razão, estarás comigo
e contigo estarei mas, até quando?...

O AMOR, PONTIFICANDO...

(Trecho do Livro Ide e Semeai - 1964)

"... e para vos dizer a verdade, a mim me parece que a melhor função de um Orientador de Educação é ser um catalizador no processo de formação das estruturas cognitivas.

Um bom ajustador entre a descoberta do novo e a experiência do velho, a qual se inicia desde a mais tenra idade. É aí, onde o educado reclama, sobretudo, segurança sem outros reflexos de ajustamentos emocionais, o ponto de onde partem o medo, a submissão ou agressividade.

O importante, em quase toda a estrutura de educação, é amor. Superproteção, contudo, é mal terrivelmente daninho. Gera egolatrias e razões egocêntricas, promovendo futuros paranóicos...

Com o necessário tempo, o educador modifica unidades de aferição, já que irão surgir explosões emotivas, quase todas incontroláveis, na época de amadurecimento das gônadas.

Vai observar o educador haver alguns com vivacidade de muitas respostas para cada situação estimuladora, e outros como se fossem apenas um tubo digestivo...

Necessário, pois, dosar estímulos na gama que vai do superdotado ao subdotado. Não esquecer que nem sempre determinantes somáticos caracterizam aspectos psíquicos. Há tipos de aparência mongolóide, de olhos puxados, orelhas dobradas e boca acantonada, que não conferem com as características psíquicas na programação dos laboratórios de psicologia...

Cuidado, pois, com estes condicionamentos preconizados por biotipólogos, fisiologistas ou endocrinologistas especializados em educação...

Hoje, educadores se deixam governar por medições de adrenalina nas características nervosas do hipertireoidismo dos possessos; por controles de hipófise e de epífase nos torturados ou sedentos de amor ou por outras aferições hormonais de laboratório, com a candidez dos anjos de cartão postal...

A fiscalização das origens genéticas do temperamento; a observação da estrutura somática; a influência ecológica ou as determinações do meio sociológico são causas para serem entendidas e compreendidas, não para formularem indefectíveis tabus. Não sou por estas rijas formas estereotipadas. Educação não deve ser bitolada em conclusões ditatoriais de laboratórios. É uma forma de intelecto e, portanto, à priori, sem a inflexibilidade das conclusões à posteriori.

Sou pela forma, não tão moderna dos laboratórios, mas pela mais tradicional - o amor.

O amor em educação, dosado, para não criar maléficas consciências de superdotações nem frustrações; suave, para que o educando tenha estabilidade emocional, sem impactos; sem irregularidades emotivas, para lhe dar autoconfiança; sem usura, para não o amedrontar; incentivador, o suficiente para não promover desânimo; confiante, no acompanhamento de sua inteligência na aplicação e observação de suas próprias experiências.

Neste cadinho de reação de dupla troca entre o educando e a sociedade, que é a educação, o mestre é a presença catalizadora do amor.

Amor, pontificando no polimento das arestas contundentes das formações personalistas; amor, mediando nos embates brutais dos mundos objetivo e subjetivo, nas conotações do espírito; amor, na suave autoridade positiva de confiança a fazer da vida escolar as oportunidades para alterações essenciais das emoções estéticas, morais e intelectuais do educando.

Sempre o amor, pontificando...

O HOMEM DAS TORMENTAS

(Chão de Estrêlas - 1961)

Foi quase um bicho o homem troglodita
que pelejou com feras gigantescas
fazendo do viver uma desdita
nas cenas panorâmicas brutescas.

Covarde e fugidio palafita
trânsfuga de tensões animais
transmuda sua vida, que é inaudita,
em quietude de auroras pinturescas

e por tantos milênios decorridos,
sobrepondo a razão do antepassado,
arrefece os brutais e vis sentidos.

Mas, depois de passar tantos tormentos
vem ficar, afinal, estacionado
na idade glacial dos sentimentos...

OS MEUS ENCONTROS

(Em cada esquina, um encontro - 1973)

Nos dois pares de esquinas percorridas
no batel que navego desde a infância,
quis ressaltar as cenas comovidas
dos encontros, perdidos na distância...

Numa delas, das formas atrevidas,
eternizei, no gesso, a petulância;
noutra busquei, em telas que dei vidas,
pelas cores traçar a discrepância.

Risquei, na pauta, dissonantes notas;
e na poética, às quadras e ao terceto
eu fiz as minhas preces mais devotas...

Mas na razão direta dos confrontos
logrei compor, sorrindo, este soneto
para viver, de novo, os meus encontros!

A IMAGEM DE UM IDEAL...

(Contos e Crônicas de Vários Autores, 1973)

Grandes sombras irregulares, projetadas da luz do abajur,
zigzagueavam no livro em que lia.

Teimosas mariposas de uma noite quente. Desligo a luz —
pensei —, fecho a janela após a saída dos insetos que, por certo,
irão buscar a luz da lua que prateia as ramagens adormecidas ao
som dos grilos.

Já algum tempo ao escuro, percebi a luz verde-clara, fixa,
de um vagalume imóvel ao assoalho.

À claridade examino-o. Hirto, com garras encolhidas, não
fez movimento nas diversas posições em que o deixei.

Trágica poesia — morrera iluminando!

Percebi então que, bordejando internamente suas asas
coráceas, percorria veloz, muito menor inseto verde, semelhante a
estes que povoam as folhagens denominadas "tapetes".

Verifiquei que este pequeno inseto envolvera o vagalume,
encovado nas próprias asas, de um fio muito delgado.

Removi, com um estilete, um verdadeiro casulo, quase
imperceptível, que se emaranhara nas garrinhas da vítima.

Assim liberto, voejou, apressadamente, com luz pulsativa.

Tentando pousar-lhe nas asas córneas, o pequeno inseto
flanqueava-o. Deitei-me. Na escuridão do meu quarto uma luz cintilava
estrelas nas últimas imagens do meu consciente que adormecia...

Com os rubores da manhã, como se o dia corasse aos se-
gredos da noite, acordo.

Ao chão, imóvel, encasulado, sem vida — o vagalume...

Estranha Natureza que condena à morte, indefesa, uma
delicada criatura de sua criação!

Pobre vagalume, — imagem do ideal a que, impotente nas
adversidades do destino, se reserva o último consolo: morrer ilumi-
nando!

EU VOS PEÇO, SENHOR...

(Chão de Estrélas, 1961)

Eu vos peço, Senhor, o bem maior
que é permitir que seja a minha vida
um prazer de viver, sempre melhor,
fazendo da virtude a minha ermida.

Que onde estiver, espalhe em derredor
conselhos do bom-senso, na medida
que ao grande sirva tal como ao menor
e a minha voz de Amor seja seguida.

Dai-me, Senhor, também, a necessária
temperança de não perder a calma,
e a passional coragem missionária

de não deixar de ser o Ser augusto,
para que haja harmonia na minha alma
e entre todos os homens, ser um Justo!

ÚLTIMO OLHAR

(Correio da Lavoura, junho, 1956)

Sofria e sofria muito. Dentro do peito uma dor aguda,
profunda, a lhe furar o pulmão. Sobre o corpo, ardente de febre,
o lençol era muito frio. Olhos doidos à luz mormaçante das vidraças,
faziam-lhe pesadas as pálpebras.

Ao longe o apito de uma fábrica ficara-lhe aos ouvidos,
martelados pelo tique-taque do relógio do hospital.

Pressentiu pessoas em torno, que pareciam acompanhá-lo
na interminável queda no abismo.

Tentou, em vão, mover os braços. Longos dedos finos to-
maram-lhe o pulso. Ouviu gemidos de um choro entrecortado. Per-
cebeu alguém debruçando-se sobre ele mas vislumbrou, apenas, dois
grandes olhos castanhos, sombreados por grandes pestanas.

Naqueles olhos, rebrilharam, vidradas, duas lágrimas que
lhe caíram sobre seus ressecados olhos.

Agora via. Via bem. Viu e compreendeu a mensagem de
amor daquele olhar...

Eram aqueles olhos que ele tanto amou secretamente...

Quanto tempo!... Quanto tempo!...

Quis sorrir, não pôde. Tudo foi escurecendo, escurecendo...

Tudo já era trevas...

PRECARIAMENTE...

(Égide, outubro, 1934)

Não há de ser a-tôa essa constante
e perpétua razão do sofrimento,
que fica em nós de forma alucinante
e anula, até, o próprio sentimento.

Ela existe, em função predominante
para, de alguma forma e certo evento,
exercer a doçura cativante
e operar o singelo crescimento.

Assim, o homem opondo-se ao destino
não passa de um falido padecente
que vai de desatino em desatino.

E, patinando sobre um tal engano
luta para afirmar, precariamente,
a própria condição de ser humano!

SIMÃO, TENHO QUE TE DIZER UMA COISA...

(Preleção em uma sala de aula, abril, 1957)

Convidado Jesus para cear em casa de Simão, o Farizeu, este O recebeu sem as homenagens que, na época, se prestavam aos ilustres comensais.

Não mandou que Lhe lavassem os pés nem que O untassem com óleos perfumados.

Presenciando esta recepção, Madalena, a pecadora, que já se mostrava arrependida de suas culpas, atirou-se aos pés de Jesus lavando-os com lágrimas e enxugando-os com seus cabelos compridos.

Jesus fê-la erguer-se e, tocando com sua mão a cabeça de Madalena, deu-a como perdoada de sua vida luxuriante.

Simão, espantado com este ato, lembrou a Jesus que ela era a mais pecadora das mulheres. O Nazareno pôs sobre o Farizeu seus meigos olhos e disse:

- Simão, tenho que te dizer uma coisa. Se duas pessoas devessem quantias diferentes e fossem ambas perdoadas, qual delas deveria ter mais reconhecimento?

- Creio, diz Simão, que a que mais devesse.

- Sim, respondeu Jesus, só o grande arrependimento merece perdão das grandes culpas.

Tanto maior a falta, tanto mais sublime será o perdão. É mais fácil perdoar pequenas faltas, algumas até não arrependidas e, no entanto, raramente perdoamos as grandes faltas, mesmo arrependidas.

Tomemos a lição de Cristo. Tenhamos forças para perdoar também as grandes ofensas, se reparadas em palavras, em gestos, em condutas. Somos profundamente egoístas quando não perdoamos, mas nossos pecados somados são maiores que uma grande ofensa recebida. Perdoemos, nós que precisamos tanto do perdão de Deus.

TOMA, É TEU!

(BICAP, Setembro, 1957)

Toma! Leva-o que é teu, e tão somente!
Guarda-o bem! Que ninguém o vá roubar...
Não pode haver no mundo igual presente
e não existe um outro similar.

E, se te o dou, milagre é certamente,
pois muito embora o dê, dissimular
não posso não ser minha, é bem patente,
a bela propriedade do exemplar...

Contudo, eu devo pois esclarecer
que até quem não o tem, parece incrível,
inteiramente dá-lo é bem possível.

Tal milagre bem pode acontecer,
por isto eu dou, com toda a lealdade,
isto que nem é meu: Felicidade!

PEDAGOGIA ESDRÚXULA...

(Chão de Estrelas - 1961)

Decorar... Decorar... Regras numéricas,
leis e fórmulas químicas, orgânicas;
mil expressões vernáculas, genéricas
e arquipélagos de ilhas oceânicas.

As fantásticas serras das Américas
e as classes hierárquicas botânicas.
Encefálicas, rábicas, coléricas
e as pletóricas dores hemicrânicas.

Na classe acerostósica zoológica
o rôl dos bichos, tudo no onomástico
e a escala, bem de cór, mineralógica.

E por que decorar tais adjutórios
pra dar um vitupério encomiástico
puxação de discursos laudatorios?...

JACARÉ

(Contos e Crônicas de Vários Autores - 1973)

Domingo. Dia de feira. Muita correria e lá se vai Jacaré...

— Por que?

Furtou, na feira, umas laranjas.

Jacaré cresceu sem lar, sem escola, sem orientação...

Garoto, pandilhava pelas ruas, a ver se topava com algum menino incauto, a fim de, taramelando, manguêá-lo em alguns centavos para o pão dormido de cada dia...

Perambulava pelas esquinas, onde fazia apostas de malhas e, quando as perdia, levantava poeira, como moleque de topete que era, cafangando dos companheiros, tomando do fogo na discussão e acabando por cabriolar ou soltar pernadas de rabo-de-arraia por qualquer arenga.

Afora o jogo, que representava sua subsistência, era sossegado, sendo respeitado pela curriola.

Vestia sempre a mesma roupa — calças de retalhos e uma camisa que não mais tinha onde ser fuxicada...

Um dia deram-lhe uma viola e um par de botas, que logo se abriu em boca de jacaré, o que lhe valeu a alcunha.

Assim ficou homem, mariolando pelos campos de futebol ou zanzonando, à noite, a viola com os olhos esgazeados para a lua.

— Quem lhe deu um conselho?

— Quem lhe deu um emprego ou o conduziu para a escola?

Ninguém. A sociedade com ele não se importou!

Agora, em benefício da coletividade que o esqueceu, que o abandonou à própria sorte, vai Jacaré algemado...

Vai para a polícia onde será bem esborrachado...

Como é estranha esta sociedade humana!

BUSCA

(Chão de Estrelas - 1961)

Implorei do Senhor a dádiva divina

que, às vezes, se aproxima afável, comovida,
quando a alma vai beber cansada e pequenina
na fonte sideral da ilusão perdida.

Desde então, solicito a Deus que nos ensina
a linguagem da crença, ansiada e apetecida,
que elimine, de vez, esta mágoa assassina
para tornar mais doce e clara a nossa vida.

Minha crença, no entanto, agora fraquejada,
vai descambando para a incerteza de abismo,
vencida pela espera e de esperar cansada...

Mas, vendo o céu azul e as estrelas tão puras,
cuido que existe alguém assistindo o heroísmo
e que zela por nós das siderais alturas.

TREM E RELATIVIDADE...

(Antologia do Escritor Iguaçuano - 1971)

Uma das últimas partículas atômicas descobertas, o Csi-Zero ou Cascata Neutra Hiperon, muito embora 40% maior que o Proton, tem com sua carga zero, uma existência de poucos bilionésimos de segundo.

No campo da Física de Alta Energia são assim os tempos...

Platão dizia que o tempo é a imagem móvel do Eterno.

Deve haver uma eternidade apressada no átomo... Apressada? Ora, todas as quantidades são relativas... Medir é comparar grandezas. Vai, portanto, da unidade tomada.

O Csi-Zero é apressado? E a nossa vida comparada com o tempo gasto pela luz de algumas estrelas que, para chegar à nossa retina, viajou 10.000 anos?

Tudo é relativo. Tudo é relativo...

Há tempos passados, esperava-se duas ou mais horas por um trem a carvão.

Agora, se o elétrico demora mais de 10 minutos entre um e outro, começa a inquietação de um quebra-quebra...

DIÁLOGO DAS DISTÂNCIAS

(Em cada esquina, um encontro - 1973)

Buscamos ver, de novo, a paisagem agreste,
onde o Amor fez nascer, em ridente transporte,
a esperança divina e aquele dom celeste
que elastifica a vida, a despeito da morte.

Tudo estava disposto ali, numa inconteste
e festiva harmonia entre o frágil e o forte;
a floresta, trajando indesejada veste,
e a brisa, circulando a paz que vem do norte.

Lá longe, a serra azul tranqüila cachimbando
e o lépido regato entre pedras correndo,
de queda em queda o som das coisas modulando...

Mas, naquele painel maravilhoso e vário
cuidei sentir, ó Deus, em cismas me perdendo,
que o nosso amor fugia às pressas do cenário!

ÁTOMOS QUE SENTEM, AMAM E SOFREM...

(Contos e Crônicas de Vários Autores - 1973)

Há mais de mil e duzentos anos atrás, lançava Demócrito as bases do Materialismo quando dizia: "Nada existe, em realidade, a não ser átomos e espaço."

Deste materialismo, que tanta revolução promoveu na Filosofia e tanto estremeceu a Psicologia, restou-nos apenas a convicção da eternidade física da matéria, que já se abala na desintegração do átomo...

Lavoisier professava: "Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

Era o batismo humano da perpetuidade física...

E nós, humanos, feitos de corpos, de substâncias, de moléculas e do átomos, tínhamos, então, este consolo: éramos feitos de eterna matéria universal...

Carbono, cálcio, oxigênio, azoto, fósforo, sempre existiram na Natureza.

Somos o que já foi de um vegetal, de um animal, da Terra, do Sol, das nebulosas estelares!

Estes nossos átomos, que já foram de estrelas, que já foram de nebulosas, que já foram de cataclismas siderais...

Sem dúvida, é grande o milagre da composição cósmica da nossa base físico-humana, no entanto é bem maior o milagre de estes átomos da matéria eterna, que nos vieram de estrelas, sentirem, amarem e sofrerem...

GRITOS

(Chão de Estrelas - 1961)

Grito, mas não espero que respondas
porque seria o ressurgir medonho,
de lembranças que vi surgir nas ondas
aqui mesmo, em período mais risonho

quando o luar, em solitárias rondas,
vinha tecer, monótono e tristonho
traços que, agora são manchas hediondas
na enganadora esteira de meu sonho.

A sequência, afinal, de cada grito
foi promessa mentida que só veio
promover um desfile no infinito

de gritos que fizeram certamente
anular por inteiro o meu anseio
refletindo o passado no presente.

FIGURINHAS DIFÍCEIS

Coleções.

As primeiras?

Se bem me lembro foram soldadinhos de chumbo.

Fardões vermelhos, azuis, dourados...

Um capitão, muitos soldados de espingardas, tambores,
cornetas...

Vieram as figurinhas históricas, os romancistas, os poetas,
os heróis.

Mas sempre faltava uma: a figurinha difícil...

Depois os selos!

Como eram bonitos os de Jamaica...

Mais tarde as moedas, cobre carcomido, prata reluzente,
quase todas com D. Pedro II austero...

Chegaram os livros e eu me perdi nas aventuras de Júlio
Verne.

Coleções e coleções vieram...

Tão bom achei colecionar que até hoje, vencido pelos anos,
coleciono!

E não há figurinha difícil!...

Como é grande a minha coleção de desenganos!...

COGITAÇÕES...

Se a nossa vida fosse apenas a sequência
desses fatos que vêm e vão depois embora,
secando em cada olhar o pranto que alguém chora
nos embates brutais e amargos da existência;

talvez prevalecesse a plácida coerência
que preside o consenso, onde por certo aflora
a branda luz que nasce ao despertar da aurora,
e fica iluminando a mórbida consciência.

Mas tudo mal alcança o ciclo da quimera
e cada ser se esforça, apenas em ser fera
aos outros seres, sem apelo, devorando

como se decretasse a fase derradeira
de quem arrosta o mal da humanidade inteira,
e tem de agradecer o que lhe vão negando...

A IMAGEM DE UM IDEAL...

(Contos e Crônicas de Vários Autores - 1973)

Grandes sombras irregulares, projetadas da luz do abajur, ziguezagueavam no livro que eu lia.

Teimosas mariposas de uma noite quente. Desligo a luz — pensei — fecho a janela após a saída dos insetos que, por certo, irão buscar a luz da lua que prateia as ramagens adormecidas ao som dos grilos.

Já algum tempo ao escuro, percebi a luz verde clara, fixa, de um vagalume imóvel ao assoalho.

À claridade examino-o. Hirto, com garras encolhidas, não fez movimento nas diversas posições em que o deixei.

Trágica poesia — morrerá iluminando!

Percebi, então, que, bordejando internamente suas asas coráceas, percorria veloz, muito menor inseto verde, semelhante a estes que povoam as folhagens denominadas "tapetes".

Verifiquei que este pequeno inseto envolvera o vagalume, encovado nas próprias asas, de um fio muito delgado.

Removi, com um estilete, um verdadeiro casulo, quase imperceptível, que se emaranhara nas garrinhas da vítima.

Assim liberto, voejou, apressadamente, com luz pulsativa.

Tentando pousar-lhe nas asas córneas, o pequeno inseto flanqueava-o. Deitei-me. Na escuridão do meu quarto uma luz cintilava de estrelas as últimas imagens de meu consciente que adormecia...

Com os rubores da manhã, como se o dia corasse aos segredos da noite, acordo.

Ao chão, imóvel, encasulado, sem vida — o vagalume...

Estranha Natureza que condena à morte, indefesa, uma delicada criatura de sua criação!

Pobre vagalume — imagem do ideal a que, impotente nas adversidades do destino, se reserva o último consolo: morrer iluminando!

A CAUSA EFICIENTE

(Chão de Estrelas - 1961)

Se bem que toda causa é um começo
nem é todo o começo causa certa
pois a vida que tanto desmereço
na terra finda, e outra é muito incerta...

E, na morte que espero, sem apreço,
nem creio que outra vida ela desperta
trazendo, garantido, um endereço
para um novo sentir que se liberta.

O princípio do Ser é desta sorte,
o viver prolongado de um enfermo
que sem apelação encontra morte.

É a causa eficiente, declarada
do ponto de partida, ao meio termo
até o ponto final desta chegada...

A INQUIETAÇÃO E OS ARTISTAS

Admiro os artistas (pintores, músicos e tantos outros) pelo que também representam como expressões de inquietude — marca do gênio que dá ao espírito a constante busca da perfeição.

Creio mais em gênios que foram artistas do que em artistas que foram gênios. Há grandes exemplos. Da Vinci foi um. O irrequieto Leonardo Da Vinci que tanto escrevia com a mão direita como com a esquerda (e gostava de fazê-lo em sentido contrário, sendo necessário um espelho para ler o que escrevia), projetou cabrestantes, mecanismo para a construção de canais de irrigação, engenhos para a arte de tecer; inventou o submarino, a máquina volante, uma espécie de metralhadora de ar comprimido, sem nunca ter tido mestre em Física.

Foi, sem dúvida, um gênio que também pintou, como fez música, literatura, escultura ou outra qualquer arte.

Era um inquieto.

Nosso Pedro Américo foi outro exemplo. Assombrou Ganot e Faraday na Física e Beulè na Arqueologia. Reformou o ensino superior na França, recebendo a admiração de Napoleão III. Criticou a Vida de Cristo, de Renan, abalando o autor e recebendo a Ordem do Santo Sepulcro. Escreveu um "Tratado sobre a luz zodiacal" e um "Compêndio de Botânica Superior", que assombraram astrônomos e botânicos.

Foi uma constante inquietação. Bateu-se na Inglaterra em um duelo e, depois de ser Grande do Império, título que lhe conferiu Pedro II, distinguiu-se como um dos mais ardorosos deputados Federais da República.

Inquietação — característica dos gênios.

Creio que há muitos gênios, muitos artistas ainda, para serem descobertos...

Sei de tanta gente com tanta inquietação...

DEO GRATIAS

(Em cada esquina um encontro - 1973)

Entendi, na partida, apenas ser um crente,
e procurei, depois, olhando a vastidão,
erguer um belo altar onde toda a emoção
guardasse aquele encanto, imenso e permanente.

E fiz-me bem melhor, quando me fiz ciente,
alcançando, suponho, a estrada da Razão
que nos faz ascender, em pós do coração,
às alturas da paz constante e reverente.

Atravessei o Mar de todas as borrascas,
bebi, se bem recordo, em centenas de tascas
o mesmo vinho dado aos maus e aos generosos...

Agradei a Deus, em preces mais contritas,
as graças que alcancei em orações aflitas,
e nunca fui pequeno ao pé dos poderosos!

O MAGUARÍ E A GRANDE CIDADE

Pela região de Rio Branco, na Amazônia, é comum uma espécie de pássaro longirostro denominado Maguarí.

De imenso bico, muito desproporcional ao seu corpo, vive a pobre ave uma atormentada vida.

De galho em galho, pelas árvores ribeirinhas, dia e noite, apenas consegue, o desesperado Maguarí, alguns instantes de cochilo, equilibrando o seu longo bico às costas.

Logo arrastada pelo peso do disforme bico, escorrega-lhe a cabeça, fazendo-o despertar assustado e, esvoaçando nervosamente, gritar:

Cuaaaá!... Cuaaaá!...

Pobre Maguarí, sem sossego até para dormir...

Tal como a desalentada ave é a grande cidade.

Durante o dia, dezenas de alto-falantes apregoando mercadorias, impertinentes, azucrinantes, a inquietar seu trabalho.

Durante a noite, centenas de sirenes alarmantes, acavaladas no alto das fábricas, no trabalho febril dos serões, sobressaltando, de hora em hora, a desassossegar a tranqüilidade de seu sono...

Ressacas de sons estridentes, dos bailes noturnos, das boites, dos inferninhos, com jovens que se sacolejam nas danças modernas aos sons eletrônicos dos "conjuntos"...

Pobre cidade Maguarí...

EM BUSCA DA VERDADE

(Chão de Estrelas - 1961)

As sensações que trazem os meus sentidos,
sem a elas negar ou afinar,
são termos, às ideias, aferidos,
proposições julgadas do atinar.

E dentro de meu crânio são tecidos
os argumentos prontos a opinar,
que levam a cabo os atos decididos,
de tudo construir ou arruinar.

Porque o Desejo em mim é realeza
que estimula meu ser ebuliente
na procura do Bem e da Beleza.

Na transcendência pura da Bondade
para do antecedente ao conseqüente
buscar a conseqüência da Verdade!

MILENAR LIÇÃO PARA OS QUE MANDAM E TOMBAM

(Contos e Crônicas de Vários Autores - 1973)

Sócrates, negando os deuses, é condenado a beber cicuta, para vingança de Anitos e Melitos.

É preciso calar, com a morte, quem proclama o direito e a necessidade da liberdade de pensamento...

Ao ser preso e condenado, aos setenta anos, seus amigos subornam a todos de quem dependia a liberdade do mestre.

Mas Sócrates nega-se a fugir!

Entra o Servidor dos Onze na cela e pede a ele, Sócrates, a quem considera o mais nobre dos homens, que o perdoe da missão de lhe ministrar o veneno.

Sócrates o elogia por ser um homem cumpridor de seus deveres e acrescenta aos seus discípulos que choram:

— “Como é cativante este homem que se mostra condoído com a minha sorte!”

Criton faz ver que o sol ainda não descera, havendo tempo...

Sócrates replica: — “Para que prolongar uma vida que já perdi? Apenas me enganaria a mim próprio...”

Ergue a taça da cicuta. Trágica expectativa! Chora Platão! Aos discípulos então exorta:

— “Mostrai-vos alegres e dizei-vos que ides unicamente sepultar meu corpo.”

Desespera-se Criton e Apolodoro soluça convulsivamente.

Há uma única esperança... Serenamente, no entanto, esgota a mortal beberagem...

Então, com vivacidade no olhar, diz: — “Criton, devo um galo a Asclépio; não se esqueça de pagar esta dívida!”

São as últimas palavras. Morre Sócrates!

Poucos homens, enfrentando a morte ou a sorte adversa, souberam tombar com tanta dignidade!

PRECE PARA O DIA DAS MÃES

SENHOR!

Tornai-me cego; Que jamais eu veja voarem os pássaros no azul do céu; as flores coloridas balançarem-se ao vento; a esperança matizada das auroras...

Tornai-me surdo: Que jamais eu ouça o riso inocente das crianças; o gorjeio das aves; a sinfonia dos gênios...

Tornai-me mudo: Que jamais eu possa ensinar aos jovens; confortar os humildes; estimular os fracos...

Tornai-me infeliz, Senhor, que tantos são os modos de se sentir infeliz um homem, mas permiti-me, Senhor, a felicidade de saber sempre feliz a minha Mãe!

FUGAS

MISTÉRIOS

Por que, em vez de sorrir,
chora a criança no berço?

Por que, em vez de chorar
ri a caveira na campa?...

COMPENSACÕES

Há os que sofrem por serem
geralmente alegres.

Há os que se alegram por
serem geralmente sofredores.

DESTINO

Chegaram todos. Os feios e
suarentos vieram de trem, os simples
e empoados de lotação, os afetados
e perfumados de carro.

Todos chegaram, mas chegaram
tristes...

DRAMA

Este cão que te lambe
as chagas, mendigo, foi o mesmo
que açoitaste quando opulento!

ROMANCE

Ele, como uma pedra afa-
gada pela corrente...

Ela, como a corrente que
afagava tantas pedras...

FUGA

Quanto mais só, mais longe
de mim me sinto...

PSIQUE

Não sei se procuro fugir
de mim mesmo, ou a mim mesmo
me encontrar, para ser o que realmente
sou.

ÂNSIA

Desejo partir.

Não vou, apenas, por não
querer chegar.

AHASVERUS

Tudo me foi negado, mesmo
o sofrimento...

Padeceria minha Mãe ven-
do-me sofrer!

CONSOLO

Como me dói o corpo!

Como me dói...

Que bom! Quanto mais dói,
menos sinto as dores da alma...

NOTURNO

Que importam as traições
na terra?

Continuam cintilando es-
trelas...

INTIMIDADE

De tanto levar a cruz,
minha alma tomou-lhe o peso...

QUO VADIS?

Para trás, o infinito...
Para frente, o incomensu-
rável...

Que vim fazer no mundo?

ANTÍDOTO

Enveneram-me a alma.
Como soro nasceu-lhe a
poesia...

EGO SUM

Milhares de pedrinhas no
mosaico da calçada.

Anônimo, que és no mundo?...

CONFESSIONÁRIO

Por que volto, Senhor,
se volto sempre para não voltar?

DESILUSÃO

Senti-me em ti.
Eras apenas um espelho...

PESA-ME, SENHOR

Grandes amigos - poucos...
Pequenos inimigos - tantos!
Como sou imperfeito!

SAUDADES

Diferentes estas noites de
junho...

Ontem, balões, fogueiras,
sonhos...

Hoje, das janelas dos altos
edifícios, alguns foguetes lacrime-
jam fogo.

SILÊNCIO

Fale baixo de poesia...
Fale baixo!
Não desperte em meu peito
uma saudade...

TRAÇO COMUM

Deixei de ser vulgar:
Compreendi ter a vulgaridade dos homens...

PRIMEIRO ATO

Alvorada!
Cortina rubra no palco da vida.
Começa o espetáculo!

FERVOR

Não importa o ídolo, é preciso fé.
Não importa o sonho, é preciso amor.

PERPETUAÇÃO

Da coesão dos átomos à meiguice de um olhar, escreve uma história a eternidade.

CICLO VITAL

Do pueril cantar de um choro, ao senil chorar de uma canção.

SAPIENS

Homens!...
Estudam Confúcio, devotam-se a Cristo, lêem Rousseau, recitam Tagore, apreciam Rafael, ouvem Chopin, encantam-se com as estrelas e depois se matam...

IDENTIDADE

Quanta gente estranha, quanta gente!
Não a conheço mas, em suas fisionomias, vejo os milenares anseios da humanidade...

COMPANHIA

Não é bom que o homem esteja só, disse Jeová.
E a inquietação o acompanhou..

INGRATIDÃO

É egoísta a natureza...
Defende a espécie e despreza o indivíduo!

DESIGUALDADE

Quanta pequenez faz sofrer e quanta gradiosidade não faz sorrir!

FORÇA HIDRÁULICA

Nem Niágara, nem Paula
Afonso
Apenas uma lágrima de
mulher...

COSMO SILENTE

No silêncio das estrelas, a
sinfonia do Universo!

CÍRCULO VICIOSO

Branca nuvem, dourado pó-
em lama se retornaram...

DEUS

Pai - do entendimento -
Razão
Filho - das atitudes - Poder
Espírito - da conciliação -
Amor

CERTEZA INCERTA...

Vem em dia incerto a
morte, única certeza da vida...

INDIFERENÇA

Nem a maldade dos bons,
nem a bondade dos maus...

ESTRELAS FALAM...

(Em Resposta - 1967)

Em 1932 o engenheiro Karl Jansky observava as comunicações radiotelefônicas captadas por uma antena de 30 metros, quando verificou ruídos estranhos.

Anotou a hora destes ruídos e notou que os mesmos se repetiam todas as noites, sempre com um atraso de quatro minutos, concluindo que esses sons tinham os seus períodos relacionados com a rotação da Terra e, portanto, vinham do espaço sideral, das estrelas.

Assim nasceu a Rádio-astronomia. Hoje há possantes Rádios-telescópios que, em vez de colherem a luz dos astros como os tradicionais, colhem as ondas destes astros, transformadas em ruídos.

Como a luz das estrelas é captada entre as ondas de comprimento 0,4 a 0,7 micra, ao passo que o ruído das suas irradiações está entre 0,25 centímetros e 30 metros, a capacidade dos Rádio-telescópios é muito maior.

Somente dentro da gama de 10 cm e 16 m foram observados mais de 3.000 fontes de radiação.

Assim tomamos conhecimento de estrelas que nunca vimos e, algumas, nunca veremos.

Em 1947 um observatório inglês recebeu sinais de uma região próxima à constelação do Cisne, em um espaço onde não se conheciam estrelas e, em 1951, o telescópio do Monte Palomar identificou, pela chapa fotográfica, uma fabulosa colisão de duas galáxias, ou seja, dois imensos grupamentos de estrelas, separadas por massas gasosas.

O Rádio-telescópio ouviu a colisão, que só se foi ver quatro anos depois.

A energia dos raios cósmicos abrange toda a faixa de ondas conhecida pelo homem, desde a de agregação das moléculas; a de ligação entre os átomos; a provocada por simples fenômenos químicos; a provocada por fenômenos atômicos; a de reações nucleares com neutrons; a de reação das partículas carregadas e até a de interações subnucleares.

São os Rádio-telescópios uma esperança para desvendar, no macro e no micro, o encantamento do Universo.

O poeta transferiu para os tecnólogos sua poesia.

Hoje, a técnica é capaz de ouvir e, talvez, de entender estrelas...

CONSIDERAÇÕES DE UM FUMANTE

Entre o cigarro e o amor há pouca diferença.

Ambos queimam,

ambos destroem, pouco a pouco,

vidas e ilusões...

Por isto, talvez, são contraditórios os seus destinos.

O amor, mesmo adulto, anula o sonho dos meninos

e o cigarro, em volatas de fumaça,

como uma eterna ameaça

desaparecendo no ar,

mata também o sonho do fumante.

Mas o amor, sempre sublime, é violento
como tudo que é sublime.

E o cigarro, esse veneno lento,

cura às vezes

a mágoa e o tormento

dando a impressão de neutralizar a dor.

Porque, tendo o cigarro,

posso pensar nas imagens fugidias

das noites que se foram e dos futuros dias

e encarar a vida, sem qualquer rancor,

porque tendo o cigarro eu posso pensar no amor...

UM ESTRANHO CASAMENTO

(Em Resposta - 1967)

Talvez o mais estranho seja o das enguias, estudadas já
por Aristóteles.

As enguias fêmeas habitam os rios, enquanto os machos
habitam os mares.

Em certos momentos, que ainda não sabemos como, as
fêmeas em todos os rios, começam a se dirigir para o mar.

Muitas vezes, barreiras, diques e outros obstáculos estor-
vam seus caminhos e então elas retomam ao rio percorrendo até,
grandes trajetos arrastando-se pela terra, o que fazem
penosamente.

Neste momento os machos, que vivem em profundezas
do mar, se dirigem para as embocaduras dos rios.

A acasalação se verifica a uns 300 metros de profundi-
dade e, logo após a postura dos ovos, a enguia fêmea morre.

As pequenas enguais fêmeas, ainda recém-nascidas, vão em
direção aos continentes, por onde sobem pelos rios, levando em
todo esse trajeto, muitas vezes, cerca de três anos.

Os machos ficam no fundo dos mares até que, anos após,
tudo recomeça.

O PEQUENINO DEGRAU

Lá em baixo do degrau, a confusão
não se entendendo os homens a contento
que debatem assuntos, na explosão
emotiva de claro açodamento,
sem querer um ao outro dar razão
nem chegar a qualquer entendimento.
Foi que eu vi um degrau e lá cheguei.
Por que nele subi, nem mesmo sei.

Nem foi, assim, tão grande este degrau
que me fez conhecer os bens supremos
que podem separar o bom do mau,
nestas paixões levadas aos extremos
que até transformam o homem em animal.
E, no entretanto, todos nós podemos
subir, com pouco esforço e probidade,
o degrau pequenino da Verdade!

A SOLITÁRIA ESTRELA

Estrela:
Olhai aquela vossa companheira,
tão triste e solitária, além...
Foi, como vós, contente e cintilante também.
Brilhou tanto por noites enluaradas,
conheceu os mais diversos céus
e viu tempestades de astros
que se chocavam, atropelados,
e, testemunhou, decerto, arrufos de namorados!

Hoje, ela também é triste,
de uma tristeza sem nome que não conhece estágios.
Dizem que foi um ástro que apareceu e se foi um dia,
ninguém sabe, ao certo,
mas numa noite de céu encoberto,
tudo aconteceu.
E, desde então, Estrela,
aquela vossa companheira
é mais triste do que nós,
e mais triste do que eu!

INVENCIONICES...

Mais preocupado em dar que receber,
nesse ritmar constante e embalador
o sentimento, a fim de o amor reter,
transforma o artista em grande sofredor.

Caminhando, afinal, sem perceber,
o poeta não sabe, até que a dor
penetra-lhe profundo pelo ser
revelando um destino arrasador.

E a verdade que, até nunca lhe importa,
vem revelar, de anseios já passados,
ser o bem verdadeiro que conforta...

E ele sente, no atrito e nos reclamos,
que a legião de sonhos tão dourados,
são apenas doçuras que inventamos!

AQUELE SONHO...

O sonho, eu sei, você não pode decifrá-lo,
porque sonhar resume em transcender alturas
a que somente vão as serenas criaturas
que entenderam o sonho e puderam amá-lo.

Ele, jamais, se achega a quem busca evitá-lo,
ou não pode alcançar, nas mansas tessituras,
aquelas radiações invulgarmente puras,
que vivem da emoção de que nem sempre falo.

Busquei vencer, sozinho, amargas oponências,
e que bem sei haver no olhar de toda gente,
como arauto fatal de infaustas conseqüências...

E, agora, me pergunto, angustiado e tristonho;
se tanto amei, se tanto amamos, certamente;
o que fizemos nós, Amor, daquele sonho?!

APENAS EU E UMA ROSA

Eu?

Dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis trisavós,
trinta e dois tetravós...

Resultantes de desejos. Uma casualidade, um momento.
Concepção fracionária de segundo exato e não de outras que seriam
segundos antes ou depois...

Ansiedades de uma Natureza que luta pela conservação
da Espécie.

Células efêmeras da Eternidade na morte contínua que
alimenta a Vida!

Partículas siderais organizadas na combustão de carbono
em oxigênio, que é o amor da Conservação dos Seres...

Moléculas eternas na transitoriedade do Viver...

E agora, de tão longos tempos, de tão longos fatos, para
este momento, neste espaço...

Só agora e num tão breve Agora...

E e rosa?

Tão acidental quando eu, tão breve na roseira quanto
os homens na humanidade...

E fico divagando... divagando...

E faço uma prece a Deus...

NO CRESCENTE, DO SINGULAR AO TODO.

Num grão
de areia ardente
neste imenso deserto,

semente
de lenho certo
inicia a floresta

bem perto
da gota em festa,
que é rio a formar,

que empresta,
com nota no ar,
melodia à canção

de amar
na vida a ação
que começa num grão.

AUTO ABSOLVIÇÃO

A sequência que vem pelos nitrogenados
que hereditariamente é o grande excitador,
por milênios chegou, dos meus antepassados,
a desejos ditar, como um impositor.

Não me culpem, por isto, em bens assim herdados
qual ter no coração um abraçado amor
que em cromossomos vem, dentre outros mais legados
por tantas gerações, a um pobre sonhador.

Dos trogloditas tenho essa paixão extrema
qual um vulcão que explode e em lava se derrama
pelo corpo e pela alma a me queimar em chama.

Na codificação do meu nucléico esquema
eu penso e digo, ao ver o longe do Passado:
- Certo, foi o ADN o principal culpado...

CHÃO DE ESTRÊLAS

Deitei-me à relva, numa noite escura
e, solitário fiz, sondando o céu,
o meu desejo bom, de ser troféu
o ver meus versos simples lá na altura...

Porém, senti a grande e triste agrura
(minhas poesias têm andando ao léu...)
de estarem só, embora tendo um véu
de pirilampos, de uma luz tão pura...

Nem chega além, quem é um grão, apenas...
Mas, se não pude lá no céu retê-las,
recompensado estou. Se são terrenas

minhas poesias, eu já posso vê-las
com vagalumes, ledas, bem serenas,
iluminadas por um chão de estrelas...

A BONDADDE DE ASSIS

Saudando como gente aos próprios passarinhos
Assis caminha, dentre os arvoredos densos,
andando na razão do amor, a susto e medos,
na evangélica e doce formação dos ninhos.

E vai, santificado e só pelos caminhos
perdido e fascinado entre os ânimos ledos
vivendo, instante a instante, o mundo dos brinquedos,
para animar, sorrindo, os corações sozinhos.

Forja a razão, a fé, ternamente pregando
na grandeza serena e no gesto estudado
de quem vai no sentir sentimento alcançando.

Ele deseja assim, estático e pesado,
na bondade completa ir corporificando
o símbolo do Bem, ao Belo incorporado.

CIRCUNSPECTO...

(Correio da Lavoura - 1960)

Esta circunspecção de minha vontade
que me evita as aflições,
que não me deixa ter pavor,
também modera minhas alegrias.
Alegria... Alegria! Ó, a alegria!!!
Que bom a alegria!
À circunspecção...
Ora, a circunspecção!
Faça. não faça!
Sinta, não sinta!
As favas! As favas!!!
Faz-me até ter inveja dos néscios...
Êles se amedrontam.
eles se apavoram,
eles se aterrorizam!
Mas também vibram,
mas também se sacodem
e explodem no gozo!
Mas, por que estas exclamações?
Não, apenas reticências...
Moderadas... Pouco irônicas...
Afinal, não sou circunspecto?...

A GENÉTICA DO AVÔ

Carlos estivera, há bem pouco, no rol dos que se entorpecem com o nada por falta de objetivos, travados com a preocupação dos cochichos dos vizinhos que tantas vezes são determinantes de leis morais. Riam-se dele.

Algum tempo após o fato, contudo, havia conseguido sair do sentimento de culpa de conflito entre o indivíduo e a sociedade. Sentia ter rompido com aquele estado onde não se encontra razões para as atitudes, num sentimento de inércia, no bruto conflito entre os impulsos e a barreira do grupo.

Mas, lampejou-se diferente dos outros que mecanizam funções como animais gregários, inexpressivos na multidão, porque algo lhe centelhara diferente e esta centelha mostrara-lhe que não podia ser um arrazado, ele que se sentia dotado de sensibilidades nos impulsos congênitos...

Era necessário aquela decisão tomada acima das atitudes corriqueiras que destroem autocritica nas ansiedades neuróticas. Era necessário determinação, afinal, ele se conheceu a si mesmo, observando os outros, e sentiu-se diferente.

Entrou pela casa de Suzana e, na sala de jantar, onde ceavam, sentou-se a uma cadeira dizendo, quase arrogante, ao Dr. Fragoso:

— Venho solicitar a mão de sua filha em casamento!

Foi espanto geral! Enfrentar o violento, o prepotente Dr. Fragoso, dentro de sua casa, sem mesmo pedir licença para entrar!

Enfrentar o pai de Suzana que lhe havia dado uns empurrões ao portão da casa quando o surpreendeu abraçado a filha! Era uma audácia!

Olharam todos para o Dr. Fragoso, excetuando Suzana que baixara os olhos, pálida. Dr. Fragoso fitava a Carlos que o olhava firme, sem pestanejar. Todos aguardavam a explosão de cólera do homem violento que encarava Carlos.

Sem alterar a fisionomia, falou o Dr. Fragoso:

— Menino! Mande fazer a participação do noivado!

— Obrigado, Senhor, disse Carlos saindo intempestivamente.

Suzana desmaiou, sendo acudida pela mãe. Dr. Fragoso pos a mão no queixo, pensativo e, sem se perturbar, revelou ao seu irmão:

— Conheci o avô deste menino. Matou o galo antes da primeira noite...

O MUNDO DOS POETAS

Essa maneira autista dos poetas,
que se acastelam no esplendor dos sonhos
e fazem mundo à parte entre os ascetas
tingindo os coloridos mais risonhos;

que a imagem sincretizam, como estetas,
dando beleza aos surdos sons medonhos
e desdenham nas lógicas diletas
os tristes empirismos enfadonhos;

é que faz, lá do seu estranho mundo,
um caminho de luz e fantasia,
de sonho, de ilusão e amor fecundo,

e que vai transformando o horrendo grito
em cristalinos sons de sinfonia,
como estrelas vibrando no infinito!

NOTAS PARA O ESTUDO DA VIDA
E OBRA DE AFRÂNIO PEIXOTO

(Publicado com a autorização da Academia Valenciana de Letras onde o presente trabalho classificou-se em 1.º lugar na Festa da Inteligência de 1976)

Quando o gênio de Lençóis, Júlio Afrânio Peixoto, visitou Portugal, parou demoradamente na cidade de Guimarães em frente à casa dos Peixotos, em São Pedro de Azures trazendo para o seu livro *Viagens na Minha Terra* a seguinte anotação: "Detenho-me numa dessas casas nobres, a casa dos Peixotos, em São Pedro de Azures, construída no Século XIII. Ainda há, sob a vulgaridade moderna, vestígio do primitivo românico. Gomes Viegas Peixoto, que primeiramente usou o apelido, era filho de Dom Egas Henriques e bisneto de Dom Fernando Afonso, filho natural de Afonso Henriques... Um estratagema hábil, com um peixe, fez Afonso II levantar o cerco que tinha posto ao fidalgo. Em heráldica só há uma mentira, a inicial: tudo mais é verdadeiro... Prefiro não ensaiar essa ponta de minha linhagem. Meus avós eram de Guimarães. Saúdo, à passagem, meus parentes..."

Vindo de Guimarães, Portugal, chega à Bahia Alexandre Mascarenhas Peixoto que, tendo enviuvado, casou-se pela segunda vez com Maria Constança Peixoto, filha de seu sócio o qual, no leito da morte, assistiu a esta união por ele solicitada.

De Portugal veio, para se casar com Alexandre Mascarenhas Peixoto, como último desejo de seu pai, Maria Constança, realizando um matrimônio com 11 anos e no colo de duas escravas, em obediência ao pai, que morria de febre amarela. Casou-se com o português de sangue real, depois de certa relutância, pois não queria juntar a sua mão "com a mão cabeluda daquele homem", sobre a estola do padre.

Por desejo paterno voltou a Portugal para retornar, aos 15 anos, trazida por sua tia Bembém, completada sua educação, e viver em companhia de seu marido. Tão inocente era Maria Constança, que declarou às Irmãs de Caridade em Lisboa: "não se incomodava de ir para o Brasil para viver com seu marido Alexandre Mascarenhas Peixoto, porém queria antes ser ordenada freira"...

Da união de Alexandre com Maria Constança nasceram três filhos que foram: José Augusto Peixoto, Ivo Horácio Peixoto e Francisco Afrânio Peixoto, todos nascidos na cidade de São Felix, no recôncavo da Bahia.

José Augusto Peixoto, nascido a 26 de dezembro de 1845 foi um modelo, como foram seus irmãos, de trabalho e correção. A conselho de sua madrinha D. Calú Ribeiro dirigiu-se para Lençóis, casando-se com D. Joana Amélia Reis Lessa. É figura de grande importância histórica na cidade de São Felix onde foi o principal organizador dos célebres Conspiradores de Boa Vontade que pleitearam e conseguiram a condição de vila para São Felix, desmembrando-a do Município de Cachoeira.

Dos três filhos de Maria Constança, foi o que mais viveu, tendo falecido a 3 de março de 1906 e sendo o homem de maior prestígio em São Felix.

Francisco Afrânio Peixoto, mostrou desde cedo pendores artísticos.

Aos 11 anos, entrando num barraco onde seu pai, Alexandre Mascarenhas, pintava seus quadros a óleo, em poucas horas reproduziu, em outra tela, o quadro de Nossa Senhora da Conceição. Estando com o quadro na mão, Francisco foi repreendido pela mãe, que supunha ser a tela do Mascarenhas. Verificada ser cópia, passou a ter Francisco Afrânio grande admiração do pai que se dedicou especialmente à sua educação.

Muitos livros foram-lhe postos à mão, construindo sua cultura. Quando o velho Mascarenhas faleceu, Francisco Afrânio, passou a trabalhar para advogados, ganhado 500 réis por tira de papel nos autos que escrevia, em Salvador. Residiavam, Francisco e sua mãe, numa pensão em Salvador, mais tarde pensão Fitipaldi. Sua inteligência, seu trabalho, sua correção, chamou a atenção do jovem Filogônio Olympio de Souza, o mais tarde papai Filó.

Filogônio Olympio de Souza, que negociava os diamantes do garimpo de sua mãe na pensão Fitipaldi, escreveu para ela, D. Estefânia Rosa: "achei um par de botas para Virgínia, que é um homem extraordinário: chama-se Francisco Afrânio Peixoto e só tem um defeito, é muito pobre".

D. Estefânia Rosa havia se casado duas vezes, a primeira com Manoel Salustiano de Souza, português rico, que a havia levado para conhecer toda a Europa, nascendo desta união Filogônio Olympio de Souza - o Papai Filó. No segundo casamento, Estefânia Rosa uniu-se a Pacifico de Moraes tendo três filhas: Virgínia Rosa, Maria Constança e Jovita.

Virgínia, nascida em Lençóis, de rara beleza, estudava no Colégio Spínola, em Salvador. Era aplicada e educada, falando corretamente o francês. Uma característica, no entanto, incomodava seu irmão Filó por parte de mãe: era extremamente vaidosa...

Quando Virgínia fez a primeira comunhão, aos 13 anos, sua mãe, Estefânia Rosa, deu uma festa convidando a sociedade de Lençóis. Compareceu a esta festa um rapaz, natural de Santo Antonio de Argoim, que estudava no Ginásio São Salvador e que ficou profundamente impressionado com a beleza de Virgínia. Chamava-se José Ápio Silva e, após uma dança, tirou seu anel com dois brilhantes, dizendo a Virgínia que o guardasse pois, quando ele terminasse o ginásio, viria buscar o anel e pedir aos pais dela, Virgínia, sua mão em casamento.

Foi por admirar profundamente a inteligência, o trabalho, a honradez e bondade de Francisco Afrânio Peixoto que Filogônio Olympio de Souza escrevera à sua mãe, Estefânia Rosa, sobre sua pretensão de casá-lo com Virgínia.

Estefânia respondeu ao filho: "se é tão extraordinário e bom este rapaz, pode contratar o casamento. O fato dele ser pobre não é defeito e, se for preciso, lavarei até os pratos."

Aproveitando a ida de seu irmão José Augusto a Lençóis, Francisco Afrânio aceitou a oferta do Sr. Auto Barbosa, para negociar com diamantes e foi, como prometera, visitar Filogônio. A beleza de Virgínia encantou-o e a personalidade deste despertou em Virgínia profunda admiração. Pedida em casamento, disse ela, porém, que só se casaria com ele, Francisco Afrânio, se o mesmo lhe permitisse guardar um anel que lhe dera José Ápio Silva, para liberta-lo do compromisso, quando o encontrasse a qualquer tempo.

O casamento de Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia Rosa de Moraes Peixoto deu-se na cidade de Lençóis, quando a mesma tinha 15 anos.

Virgínia estava grávida de sete meses quando sofreu uma queda, sentindo-se mal. Francisco Afrânio trabalhava em sua casa de negócio, em Lençóis, quando, no dia 17 de dezembro de 1876, vieram-lhe avisar que, prematuramente, havia nascido o seu filho. Foi a criança batizada na Igreja de Lençóis, com o nome de Júlio. Nascera de pele muito alva, com a cabeça maior do que o normal. Em Lençóis nasceram outros filhos do casal: Estefânia, (Pepita) que foi uma extraordinária freira Doroteia; Filogônio, agricultor de cacáu no Espírito Santo e conhecido como o boníssimo doutor Filó; Maria Constança (Sinhá), Júlia (Jujú) que se dedicaram à assistência à pobreza em Salvador e Alvaro II, farmacêutico, e um dos precursores do Instituto de Geografia e Estatística.

Quando o casal Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia Rosa de Moraes Peixoto residia próximo a mãe desta, D. Estefânia, a infância de Júlio foi muito influenciada pela dedicação e bondade

da velha avó, que possuía garimpos e guardava, curiosamente, os diamantes dentro de garrafas.

Deixando Lençóis, o casal foi residir em Canavieiras, onde Francisco Afrânio Peixoto passou a agricultor de cacáu, e aí nasceram os filhos Mário, advogado e dentista em Salvador, de onde foi prefeito; Artur, que seguiu a vida religiosa, boníssima alma, Helena e Jovita, que se dedicaram também a vida religiosa como freiras Doroteias.

Em Canavieiras, Francisco Afrânio criou um impacto para alguns senhores de escravos: escolhe para padrinho de seu filho Mário, o escravo Tatá...

Na sua fazenda de cacáu no Jacarandá, perto de Canavieiras, ele abraçava fraternalmente os escravos, nunca os castigando fisicamente, e construiu a Igreja de N. S. do Rosário para homens livres ou não...

Nunca se soube de um desentendimento entre Francisco Afrânio e Virgínia e a harmonia que reinava entre os irmãos era fato comentado.

Em Canavieiras, Francisco Afrânio mandou construir mesa tão grande de Jacarandá, que teve de ser feita dentro de casa para refeição unida.

Sua presença modificou profundamente os hábitos de Canavieiras. Organizou a banda de música, cujos instrumentos guardava em seu poder. Compôs dobrados e fez inúmeras cópias de músicas para o arquivo.

"Vem a chuva, vamos correr", de autoria de Francisco Afrânio Peixoto era de agrado geral do povo de Canavieiras, quando executada pela banda de música.

Tocava piano, que possuía na fazenda, flauta, clarinete e outros instrumentos.

Nas noites de lua cheia, na Fazenda do Jacarandá, a hora de recolhimento era mais tarde, porque Francisco Afrânio fazia serenatas ao violão, com letra e música da sua autoria, no terreiro de secar cacáu, rodeado pelos filhos e empregados da fazenda.

Não admitia que chamassem de escravos seus "amigos pretos" e sim de empregados. Em Canavieiras, onde a sociedade fazia profunda distinção entre senhores e escravos, dizia que "só uma coisa torna o homem escravo: o amor".

Francisco Afrânio dividiu a Fazenda do Jacarandá em lotes, um para cada filho, administrado por um escravo preceptor, considerado membro da família.

As "empregadas" cuidavam das filhas: Ramira, também

chamada de "Minote", cuidou de Helena com tanto desvelo que, quando se casou, D. Virgínia deu-lhe uma casa no terreno da fazenda. Leopoldina, que veio de Lençóis com Francisco Afrânio, foi ama-de-leite de Júlia (Jujú).

Certa vez vieram avisar ao Capitão Peixoto que Leopoldina, embriagada, havia abandonado a menina Jujú no porto (praia no rio Pardo) e que ele, Francisco, era o responsável porque não batia nos seus escravos. Após trazê-las para a fazenda, Francisco Afrânio comunicou a Leopoldina sua necessidade de desfazer-se dela, pois seus "empregados" não podiam beber. Ante as súplicas da escrava, que jurou preferir a morte a ser obrigada a abandonar a família Peixoto, e que prometeu jamais voltar a beber, para não desgostá-lo, satisfeito, afirmou Francisco Afrânio que, se isso acontecesse, mandaria confeccionar uma coroa, para coroa-la como rainha na festa de Folia. A partir de então, Leopoldina passou a ser conhecida como "Rainha". Tal era sua dedicação à família que, certa ocasião, atirou-se no rio, mesmo sem saber nadar, para salvar Helena que se afogava, tendo ambas sido salvas pelo canoeiro João Caboclo.

Priciana, que também veio de Lençóis para Jacarandá, ama-de-leite de Júlio e Estefânia (Pepita), usava blusa de seda rendada, balangandãs de prata e era exímia rendeira de bilros.

A dedicação dos "empregados" a Francisco Afrânio era tão grande que, após sua morte, Adelina, a ex-escrava, cuidou de Jovita (Vivita) com redobrado amor, já que o pai não chegara a conhecer a filha.

Francisco Afrânio contratou o professor Glicério, português, para lecionar aos filhos na fazenda do Jacarandá, onde passou a residir.

O mestre ministrou aulas a todos os filhos de Francisco Afrânio durante alguns anos. Muito embora tivesse grande admiração por Júlio, certo dia, numa tradução de Latim, ameaçou dar-lhe uns bolos de palmatória, porque o mesmo discordou dele.

Tendo o pai verificado que seu filho estava certo em sua discordância, não permitiu o castigo, o que causou o desligamento do professor Glicério.

Possuía Francisco Afrânio um livro de anotações, ilustrado com desenhos seus. Após a morte do marido, D. Virgínia dizia aos filhos: "Beije este livro antes de lê-lo, pois foi escrito por um santo - o seu pai".

À pintura dedicou-se também Francisco Afrânio, sendo excelentes seus trabalhos, com características do mestre Victor Meireles.

O teatro Politeama, em Salvador, exibiu, durante muito tempo, panos de boca pintados por Francisco Afrânio.

Quando Virgínia de Moraes Peixoto estava esperando Jovita, foi acometida de Beri-beri e desenganada pelos médicos, Francisco Afrânio, um eterno apaixonado da mulher, entrou em profunda depressão e pediu ao velho escravo Vital (Tatá), que lhe trouxesse a imagem de Nossa Senhora da Conceição, devoção que trazia desde a época em que pintara a cópia do quadro de seu pai.

Diante da imagem da Virgem, chorando, Francisco Afrânio rogou à mãe de Deus deixá-lo ir em lugar de sua Virgínia. Horas mais tarde, eram todos chamados ao quarto onde morria Francisco Afrânio, de ataque cardíaco, tendo à cabeceira a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Foi luto total na região do rio Pardo e em Canavieiras, onde chorava a população pela morte do Pai dos Pobres. D. Virgínia salvou-se e, pouco depois, deu à luz a Jovita, futura freira. Despojou-se de seus bens, dando-os aos pobres, e passou o resto de sua vida a fazer caridade.

Ao falecer a 27 de julho de 1932, as casas comerciais de Salvador cerraram as portas. Foram celebradas 52 missas de 7.º dia, por todas as igrejas da Capital.

Durante mais de 20 anos jornais da Bahia publicaram agradecimentos de pessoas que conseguiram "uma graça através de D. Virgínia Peixoto".

Profundamente religiosa, como foi seu marido Francisco Afrânio, foi mãe de três freiras, um padre e mais seis filhos, todos católicos, com apenas uma exceção. Virgínia teve a vida terrena de uma santa.

Conseguiu para uma centena de enjeitados família, com registo de adoção. Muitas jovens mudaram o rumo de suas vidas com os seus conselhos. Muitos pobres mataram a fome na sua caridade.

Uma das irmãs de Virgínia, Maria Constança, tia Quinquinha, casou-se com o médico Dr. Júlio Gama, tendo como filhos: Cristovam, Durval, Feliciano, Raul, Rodrigo e Julieta.

A outra irmã de Virgínia, Jovita, morreu muito jovem e solteira. Desde a morte de Jovita, o casal Francisco Afrânio e Virgínia passou a rezar na hora da Ave-Maria, com toda a família.

Jovita, a irmã mais nova, estava destinada a se casar com o francês Sr. Storges, a quem seus escravos chamavam de Yoyô. Não querendo, Jovita pedia a seu cunhado Francisco Afrânio, a quem chamava "padinho", que não a deixasse se casar porque ela queria ser de Jesus. Quando sua mãe Estefânia Rosa chegou com o enxoval,

Jovita passava horas rezando o terço no terreiro de secar cacáu e, ao terminar cada oração, jogava o terço de madrepérolas para que os anjos o viessem buscar e a levassem também.

Pouco depois, morria de febre amarela. Antes de morrer, contudo, entregou à irmã Virgínia, que esperava o nascimento de um filho, uma imagem do menino Jesus, para que a sobrinha (ela garantiu que seria menina e deveria se chamar Helena) também não se casasse. Prometeu que viria do céu para embalar o berço de Helena.

Certo dia, à hora da Ave-Maria, quando já havia nascido Helena, a futura freira, o casal, ao chegar ao quarto, encontrou o berço sendo embalado por ninguém... Tornou-se daí tradição a ladinha da família na hora da Ave-Maria. Foi neste ambiente que Júlio e seus irmãos foram criados. Foram todos, com uma exceção, católicos. A exceção declarada foi Filogônio, o boníssimo Dr. Filó, que tanto ajudou a pobreza. Este, já muito doente, quando já havia perdido três irmãos, Álvaro, Júlio e Mário, era uma preocupação constante para todos os demais irmãos que não o queriam ver findar seus dias sem a comunhão. Sua irmã, a freira Helena, passava horas rezando e pedindo a Deus a conversão de Filogônio - o Goninho.

Helena, no dia 9 de julho de 1960, quando rezava na capela, ouviu a voz de sua mãe Virgínia, que dizia viria buscar Filó no dia 27. Contou isto em carta à sua irmã Sinhá, no dia 10. Conseguiu, a madre Helena, através de um rádio-amador, comunicar-se com D. Augusto, cardeal na Bahia, para que viesse o padre Arthur, a quem o cardeal chamava de "o lírio do clero baiano", estar com seu irmão no Rio.

No dia 26 Filogônio, sem saber da vinda do irmão, pedia a presença deste, que chegou à noite e lhe deu a comunhão. Filogônio faleceu no dia 27 de julho, no mesmo dia em que havia falecido sua mãe há 28 anos.

D. Virgínia também se dedicava muito à cura de doentes.

Certa vez seu filho, o Padre Arthur Peixoto, levou para sua casa trinta seminaristas que estavam com suspeita de peste bubônica, para sua mãe cuidar. Entre estes seminaristas, colegas de Arthur, estava o futuro Padre Ápio Silva, filho de José Ápio Silva e D. Pombinha. Quando os pais do seminarista Ápio foram visitar o filho, D. Virgínia Peixoto entregou a D. Pombinha o anel de dois brilhantes que seu marido lhe dera na festa de primeira comunhão, aos 13 anos. D. Pombinha respondeu a D. Virgínia que aquele anel pertencia a ela, Virgínia, e simbolizava a segunda mãe de seu filho.

Ao se ordenar o Padre Ápio, D. Virgínia ofereceu-lhe um

par de abotoaduras feitas com os dois brilhantes.

Ao tempo da morte de Francisco Afrânio Peixoto, o jovem Júlio formava-se em Medicina.

Foi profunda a sua mágoa ao verificar que, muito embora médico, formado aos 21 anos, a Medicina chegara-lhe muito tarde para salvar seu idolatrado pai...

Afrânio foi um menino prodígio. Seus conhecimentos, na infância, foram especialmente orientados por seu pai. De memória extraordinária, o menino Júlio a todos admirava, repetindo imediatamente longos trechos que lhe eram ditos. O pai constantemente mandava-o procurar o farmacêutico, homem de muita memória, para dizer-lhe que o rio Tal, nascia em tal lugar e tinha tais, tais e tais afluentes. E o farmacêutico mandava Júlio de volta, para dizer ao velho Francisco que o rio Qual, nascia em qual lugar e tinha quais, quais e quais afluentes. Todos se encantavam com a incansável capacidade de trabalho do menino Júlio. Sua primeira professora, D. Purificação, prognosticou: "Este menino será um gênio."

As paisagens de Lençóis, de Canavieiras, do Jacarandá, do Salobro, da Lagoa Dourada, haviam de ser memorizadas pelo menino Júlio para reviverem nos romances Sinhazinha, Bugrinha, Fruta do Mato...

O capitão Peixoto, que era a um tempo a improvisação de delegado, de juiz, de médico, de farmacêutico e até de padre na extrema unção e batizados de emergência, marcou profundamente, com seus exemplos, as personalidades de seus filhos.

Afrânio, para continuar seus estudos, mudou-se para Salvador, onde matriculou-se na Faculdade de Medicina. Lá, em Salvador, surgiu um dos dois grandes amores de sua vida. O outro, foi o de sua esposa, D. Francisca Faria.

O autor deste trabalho, muito amigo de D. Francisca de Faria Peixoto, viúva de Afrânio Peixoto, baseado na própria filosofia de Afrânio, traz a público esta fase de sua vida, muito embora sua primeira noiva lhe houvesse pedido que não publicasse, para não ferir D. Francisca.

Não fêre. Apenas enaltece aquele homem que ela, D. Francisca, amou tão ternamente.

Justificando o modo de pensar, transcrevo uma carta escrita pelo próprio Afrânio ao seu irmão Álvaro Afrânio Peixoto:

"Álvaro: muito obrigado a D. Amélia pela prova de confiança que me deu, mandando-me os belos versos de Bilac, que ficarão inéditos também, como ela deseja. Aliás, os outros ficariam também, pois só os queria reler, tendo-os ouvido recitar ao Gregório

da Fonseca, em sessão pública da Academia, não publicados, certamente, pela proibição que a donatária deles impôs.

A minha curiosidade talvez seja indiscreta: nesses versos, mais que em qualquer outro poema de Bilac, está a paixão dele de tal maneira confessada, que será orgulho daquela que os inspirou... Queria ouvir de novo uma confissão, como a que os poetas não costumam fazer...

Aliás, queria que ela soubesse: fui amigo de Bilac, da última hora; tive o seu voto; segui-o na Academia, onde, sem jeton, realizou um arquivo. o único que até agora possui aquela Companhia. Além disto, amigo do, grande também, Alberto de Oliveira, reuno-os emparelhados, na minha admiração, embora o amor os possa desirmanar - e, portanto, compreendo todas as restrições de D. Amélia.

Em todo o caso, lembro-me que, em situação comparável, Matilde Wasendonck, a inspiradora de Tristan und Isolde, não destruiu as cartas de Richard Wagner e mandou-as a Cosina Wagner, a esposa do maestro, escrevendo-lhe: "Tudo o que se refere a um homem de gênio é sagrado". E a outra, à altura, respondeu: "É exato; não nos pertence: é da posteridade..."

Faça-lhe atenciosa e respeitosa visita. Muito obrigado! Teu Afrânio. Paissandu, Rio, 12-VI-34".

Foi na festa baiana de dois de julho de 1894, na rua Itaparica, que Afrânio conheceu uma belíssima jovem de 15 anos. Era Adélia Torres, sua quase vizinha de frente, filha do Dr. João Nepomuceno Torres, que foi do Tribunal de Justiça e um dos fundadores do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Afrânio enamorou-se dela e foi correspondido. O poeta Afrânio, que ninguém conhece, teve uma grande inspiradora em Iaiá Torres e dedicou-lhe muitos versos, que mais tarde destruiu com o propósito de nunca mais ser poeta. Diariamente, antes de ir para a Faculdade de Medicina, atravessava a rua para o namoro de dez minutos. Durante todo o tempo que esteve em Salvador este namoro foi o único na vida do estudante e depois professor da Faculdade.

Quando falou em casamento com o pai de Iaiá Torres este não consentiu de imediato, porque a filha teria que fazer um prolongado tratamento de "doença de senhoras" (fluores brancos). Afrânio esperaria.

Os poucos estremecimentos dos enternecidos enamorados residiam nos ciúmes de ambos. Dele, por não admitir que Adélia usasse vestidos decotados e dela por dizer constantemente a Afrânio

que se um dia soubesse de algum namoro com outra moça lhe escreveria uma carta com os dizeres: "Para Afrânio, a última lágrima de Adélia", e nunca mais admitiria voltar a falar com ele.

Numa destas asseverações, quando os dois dialogavam sobre os ciúmes de Adélia, não perceberam que dois alunos do jovem professor Afrânio espreitavam próximos, tomando conhecimento da frase.

Uma sobrinha de um deles era aluna de Adélia. Não foi difícil copiar a caligrafia cursiva da professora. Certo dia, quando Afrânio deixava a Faculdade, um moleque entregou-lhe uma carta fechada e sumiu. Afrânio abriu-a e leu: "Para Afrânio, a última lágrima de Adélia".

Pouco tempo depois embarcava para o Rio de Janeiro, ficando Adélia Torres sem compreender aquele brusco abandono.

Durante toda a sua vida (ainda vive) D. Adélia Torres permaneceu solteira, fiel ao seu sentimento. Afrânio escreve o seu primeiro livro "Rosa Mística" e faz Adélia viver o papel de Átina e seu pai o papel de Gregor. Casa-se no Rio com Francisca de Faria, belíssima e educada filha do industrial Alberto de Faria, e a quem devotou absoluta fidelidade conjugal, recebendo dela um profundo e dedicado amor.

Sobre o romance e vida de Afrânio-Francisca, Chiquita, como lhe chamava carinhosamente Afrânio, alguns seus biógrafos têm-se ocupado. A vida do casal é um exemplo de ternura dedicação e também de sofrimento, quando perderam os filhos, que não vingaram, a exceção de José Júlio, falecido antes dos vinte anos. Era José Júlio, na intimidade Juca, de extraordinária memória.

Como este trabalho tem por finalidade trazer a público assuntos não tratados pelos biógrafos, omitimos o belo romance Afrânio-Chiquita.

Certo dia uma pessoa o procura para lhe pedir desculpas de um fato que sua consciência lhe acusava: fora ele o falsificador da carta de Adélia...

Afrânio, casado há bastante tempo com Chiquita, supunha, até então ser verdadeira a carta.

Procura amigos pedindo, sem explicação, a devolução do livro Rosa Mística, e destrói alguns. Outros não lhe entregam e ficam uns raros e, entre estes, o pertencente à Academia Brasileira de Letras onde, com sua letra, está a frase de que "o livro só para o fogo".

Muito tempo depois de casado, Afrânio visita Salvador e vai a uma escola modelo, por indicação de Anísio Teixeira. Estende

a mão à diretora e reconhece nela a Iaiá Torres.

O aperto de mão demora-se na expectativa de um início de fala, mas as palavras não vinham e os olhos de ambos se encheram de lágrimas, fazendo Afrânio abandonar o colégio precipitadamente, viajando pouco depois para o Rio.

Quando Afrânio visitou Portugal no que fez sem a companhia de sua esposa, um conhecido levou ao hotel em que ele estava uma belíssima jovem, sua ardente admiradora. A um sussuro do amigo Afrânio afirmou-lhe, sem que a moça ouvisse: "Obrigado, mas fiz um juramento de fidelidade à minha esposa no dia do casamento e sempre cumprio a palavra empenhada!"

Quem o acompanhou nos hospitais e no Instituto Médico Legal confirma uma característica sua: o exame para laudos periciais, eram sempre feitos com a correção de um cientista, sem um comentário reticencioso sequer.

A incansável capacidade de trabalho, a dedicação ao labor com entusiasmo jovem, foi uma das características de Afrânio, ressaltadas pelos seus biógrafos.

Dante Costa atribui à capacidade criadora e renovadora de Afrânio, consequência de sua perene juventude, pois que Afrânio foi sempre jovem, mesmo aos 70 anos:

"Robusto tempo de juventude foi o seu. Se fixarmos a "Rosa Mística" - a primeira obra ainda informe - já é a coragem da revolta contra o naturalismo - o gesto da juventude. Se o vemos no fim da vida recusando aproximações com falsos soberanos, o gesto é também da juventude. A sua primeira contribuição científica: "Epilepsia e Crime" reforma conceitos e cria uma nova expressão científica - a juventude é criadora. Dessa mesma força de renovar nasceram os romances "A Esfinge", "Fruta do Mato", "Maria Bonita", "Bugrinha". Era ativo e criador, era jovem. Por isso pôde vencer a rotina em muitos refúgios em que ela se abrigava. Reformou a casa dos loucos.

Reformou a Educação no Rio de Janeiro. Reformou a Medicina Legal no Brasil. Defendeu o nosso homem caluniado. Foi permanente mestre e um eterno estudante. A tenacidade, a força criadora, a paixão pelo estudo, a generosidade, essa necessidade imperiosa de saber, esse prazer feliz de ensinar, traços tão vivos de Afrânio, ele os nutria de sua juventude. Era um criador, inovador, um professor de entusiasmo. Em 1935 criou a primeira verdadeira universidade que tivemos no Rio. Em 1942, em Portugal, a cadeira de camonologia, na Faculdade de Letras de Lisboa, fora também a primeira criada ali, era uma forma feliz de expressão humana. Serviu

dignamente ao seu país na ciência, na arte, na educação, na medicina. Estudou, aprendeu e ensinou as coisas mais diversas e era sempre um valor considerável, uma só qualidade ou uma intuição sempre úteis."

Dele já se disse que constituirá, futuramente, um problema de história, pois os historiadores do futuro encontrarão, assinada por Afrânio Peixoto, "uma obra tão extraordinariamente vasta e de assuntos tão diversos, que não será difícil supor que se emita a hipótese de que aquele nome tenha sido a assinatura comum de um grupo de sábios e escritores, homens de ciências e homens de letras que, vivendo na primeira metade do século XX, tivessem querido encobrir, sob um só pseudônimo, uma obra que era de muitos". Diz Dante Costa: "E como era verdadeiramente universal a sua cultura - a mais extensa, bem feita e civilizada que possuímos. As palavras lhe vinham precisas e justas, os períodos traíam o método do professor, e tinha maneiras físicas de pegar, abraçar, dar afetuosamente o braço ao seu companheiro, para que a conversa fosse melhor vivida, e isso fazia quer fosse um mestre seu amigo, quer fosse um jovem estudante".

Sem dúvida foi fabulosa a universalidade da obra de Afrânio Peixoto. Publicou ficção, conto, pesquisa folclórica, romance, ensaio, pesquisa literária, história, tratado científico, texto escolar, crítica, filosofia da educação, organização escolar, administração pública, higiene, psiquiatria, pedagogia, medicina legal, biografia, história do Brasil, história das Américas. história da Educação, e escreveu mais de 100 volumes, deu aulas e fez centenas de conferências e palestras. Foi uma vida de ciclópicas vitórias.

Após os preparatórios feitos no colégio Florêncio, em Salvador, matricula-se na Faculdade de Medicina da Bahia, com 16 anos, onde se diploma aos 21. Faz concurso de Preparador de Medicina Legal e assume aos 23 anos. Aos 24 anos é simultaneamente professor da Faculdade de Direito da Bahia, vindo logo em seguida ao Rio para ser Inspetor Sanitário e tornar-se membro da Academia Nacional de Medicina. Pouco depois é diretor do Hospício de Alienados. Aos 27 anos segue à Europa de onde vem para submeter-se a concurso na Faculdade de Medicina do Rio, como professor de Higiene e Medicina Legal. Suas vitórias se sucedem: Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, catedrático da Faculdade de Medicina, Deputado Federal pela Bahia, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, professor da Academia de Ciências de Lisboa, membro do Instituto de Me-

dicina Legal de Madrid e de muitas dezenas de entidades culturais do Brasil e do exterior.

A obra de Afrânio Peixoto, pela sua diversificação, vem sendo estudada pelos estudiosos de cada assunto, e o que é de ressaltar é que seus biógrafos, na particularidade de cada assunto, reconhecem a profundidade a que chegou Afrânio em cada uma delas.

Nerio Rojas, da Universidade de Buenos Aires, diz não ser fácil julgar o intelectual Afrânio Peixoto na sua variada obra, que considera prodígio de enorme cultura técnica, não sendo trabalho para um analista, senão para muitos.

Arthur Ramos, mestre de Psicologia e Antropologia, mostra Afrânio citado como grande pelos grandes da psicologia mundial, tais como Morselli, Benedikt, Farè, Tarde, Cristian, Toulouse, Bonbards e outros.

Pacheco da Silva analisa Afrânio como grande psiquiatra. "O principal mérito de Afrânio, diz ele, ao se ocupar da "Paranóia", foi o de estabelecer que a forma legítima, a Kraepeliana, deriva de má educação egofílica e autolátrica e deve ser chamada simplesmente de Paranóia".

Barros Barreto estuda Afrânio como higienista e lembra sua vitória contra o grande Buckle no conceito das doenças climáticas.

Rocha Faria faz apreciações como mestre de Medicina Pública; Francisco Venâncio Filho estuda Afrânio como grande educador; Levi Carneiro, como político; e muitos e muitos estudam Afrânio nos mais diversos aspectos de sua intelectualidade como, entre outros, José Maria Belo, Pedro Calmon, Leonídio Ribeiro, Castro Barreto, Velho Sobrinho, Cavalcante Proença, Austregésilo, Artur Mota, Agostinho Campos, Wilhelm Giese, Silva Araújo, Alcantara Carvalho, Luiz Viana Filho, Afrânio Coutinho, Múcio Leão, Medeiros e Albuquerque, Lúcia Miguel Pereira...

Ronald de Carvalho, analisando o literato, disse: "Depois de Machado de Assis é a mais perfeita expressão de romance propriamente humano no Brasil. O que singulariza, porém, o temperamento de Afrânio Peixoto é o grande poder de maior mérito que reporta em toda a sua obra; essa qualidade, escassa em Machado, é primacial nos seus romances".

Menotti del Picchia escreve: "Cada obra da pena do Mestre de "Fruta do Mato" é um triunfo. É que Afrânio possui o mistério invulgar de conhecer as almas como se suas pupilas tivessem a magia de penetrar no mais recôndito dos corações humanos".

Dias antes de falecer, um padre grande amigo seu, declarou-lhe que o cardeal o quer ver. Afrânio sorri, ao meio de muitas

dores, e diz compreender desejar o cardeal a sua comunhão.

Pede transmitir ao cardeal que ele, que teve toda a sua vida para assim proceder, não deixará a morte que se aproxima mudar a sua atitude.

Sua irmã, madre Helena Peixoto, vai lhe implorar para receber a hóstia, ao que Afrânio lhe diz:

- Minha Leninha, eu estou muito mais perto de Deus do que vocês pensam. Esteja tranquila...

Uma comissão de Acadêmicos quer ve-lo nos últimos instantes. Afrânio, totalmente consciente do cancer que lhe consumia a vida, diz ao médico:

- Conte aos meus colegas que Afrânio está esperando a morte com um sorriso nos lábios...

O gênio de Lençóis faleceu às seis horas da manhã de domingo, dia 12 de janeiro de 1947, sendo seu corpo transladado para a Academia Brasileira de Letras, de onde saiu o féretro para o cemitério de São João Batista.

Por decisão da viuva D. Francisca Faria Peixoto e por iniciativa de Fernando Sales, todos os seus pertences foram doados a Casa de Cultura Afrânio Peixoto, em Lençóis, onde nasceu.

PALEONTOLOGIA E MATEMÁTICA

(Em Resposta - 1967)

A idade de um fóssil é comprovada pelo Carbono - 14 e natureza do terreno. A Paleontologia demonstra que os primatas surgiram no período Eoceno da Era Terciária, há uns 60 milhões de anos.

Já no período Oligoceno, cerca de 40 milhões de anos, surgem dois tipos diferenciados: o Parapithecus e o Propithecus.

Duas formas de hominóides aparecem há 20 milhões de anos (cuja evolução se processa entre 12 e 14 milhões de anos). Surge o aspecto humano entre 1 milhão e 600.000 anos A.C com o bipedalismo (que libertou as mãos condicionando-as à manipulação) e a redução da dentição (que perdeu a ação de combate) fazendo modificações profundas no crânio e a interação do cérebro na coordenação desta manipulação. O genero Homo vai se caracterizar a partir do ano 450.000 A.C., no primeiro inter-glacial.

A Paleontologia nos mostra que os homens caçavam pequenos animais, conforme os ossos fossilizados, e a lógica nos mostra que, ao princípio da adaptação do homem, ele não podia capturar grandes animais, pois que ainda não havia inventado suas primeiras armas.

Os fósseis das cavernas nos indicam que o homem vivia em grupos; reunião necessária à sua defesa.

Quando este grupo, pela natalidade, aumentava, a lógica e a matemática nos demonstram o seguinte quadro: já que o homem possuía apenas meios de levar sua caça nas costas, não poderia ir tão longe, em tempo de viagem. Sua caça apodreceria antes de chegar à sua caverna. Isto significa que a poderia carregar, no máximo, à distância de 25 quilômetros.

O cálculo nos dá pois: um grupo apenas poderia caçar em uma área de 1.120 quilômetros quadrados. Ora, como outro cálculo nos diz que um homem precisaria, para seu sustento, de pelo menos 6 quilômetros quadrados, o limite máximo, e absolutamente crítico para um grupo sobreviver, era de 190 homens, mulheres e crianças.

A vida só melhoraria, no tocante à alimentação do homem, depois do ano de 10.000 A.C. quando ele passaria a criar animais, a fim de nutrir-se do seu leite.

FANTOCHE

Levado nas agruras desses ventos
trazidos na longinqua Asa do Então.
Conduzindo talvez os meus lamentos
perdidos no sem-fim da solidão.

Achei-me frente a frente aos meus tormentos,
e procurei no campo da Razão
argüi-los, afinal, sobre os eventos
e do imenso esplendor dessa emoção.

Assim pude alcançar, em castas cismas,
entre fatais travores e saudade
olhando, certamente, doutros prismas

a vida que se esvai nessa constante,
escorrendo sutil, com suavidade,
marcando o passo do soturno instante!...

O LAGO DO CISNE

(Correio da Lavoura - 1955)

Perduraram, como que suspensos no ar, os últimos acordes de Tchaikowsky...

O sol poente. O céu espargindo em róseo...

Muito ao longe, o verde das colinas se desvai em cinza. Distantes, gaivotas voejam lentamente.

Há murmúrios ao cair da tarde... Nas tranqüilas e azuladas águas, desliza, silencioso, o cisne...

Fora esta imagem a de Tchaikowsky?

Não importa. A inspiração foi bela porque se manifestou em maviosa harmonia de sons.

E' a beleza que se transmite, pela Arte, de indivíduo para indivíduo.

A figura do belo é compreensão secundária de quem a recebe porque a estética é apenas um entendimento intuitivo.

Podemos distinguir, no conhecimento humano, dois aspectos principais de apreensão: a sensação intuitiva das imagens, pela forma, pelas cores ou pelos sons — então teremos Arte — ou a meditação pela análise, pela lógica, pela ponderação dos fatos — e não será Arte — e teremos Técnica, Ciência, Filosofia ou o que mais for...

Arte é apenas harmonia na contemplação das imagens.

Sentido estético, estático ou dinâmico.

Mas a noção estética é mutável, variando com a temporalidade dos conceitos, com o sentido da liberdade individual, até o aprisionamento das concepções de um povo.

Transcendência que nasce do artista mas que necessita da aceitação de uma platéia, a qual o próprio artista pretende sensibilizar.

E o artista cria por esta necessidade humana de sentido estético, toque divino nas ânsias do psiquê...

Arte é binônimo entre artista e platéia.

Arte é beleza para cada temperamento criativo...

Arte é beleza para cada conceituação de cultura estética...

Para mim, o lago do cisne é assim: simples, tranqüilo, com um cisne solitário...

Talvez que outros, ouvindo a mesma melodia, vissem naquele lago, em vez de um cisne só e triste, dois milhões de cisnes coalhando o agitado, o tormentoso, o barulhento lago de Tchaikowsky...

Quem sabe?

É TARDE AGORA...

É tarde! É muito tarde! Ó sonhos meus!
Diluidos, no tempo, pelo espaço;
deixados ao descaso, sem adeus,
na estrada sem regresso, passo a passo...

Nem meus olhos captaram, nos plebeus
e intensos véus, o mínimo cansaço;
nem eu, tristonho ousei, em prece a Deus,
levar-vos a homenagem de um abraço.

No entanto, já passado tanto tempo
e bem perto prevendo o ato final,
cuido que inutilmente e a contratempo,

estruturei no próprio desencanto,
a doçura infinita do Ideal
na escuridão amarga do meu Pranto!

ARTE E DETERMINISMO

(Correio da Lavoura - 1955)

A arte, sofrendo a imperiosidade das adaptações de meio, tem refletido os gênios nas situações dos sistemas de vida de seus cultores.

Complexo de sensibilidade, poder criativo e necessidade de subsistência do artista, ela se tem amoldado às expressões cômodas ou impositivas do meio da vida de seus criadores.

Se são sensíveis os reflexos na arte da vida do artista, nas modificações de caso para caso, individualmente, não é menor, contudo, a influência das variações da arte na gama das congestões sociais, das crises econômicas, dos padrões de vida dos povos, como adaptação de expressão artística ao meio ambiente criador.

Daí épocas de escolas: da hegemonia de clássicos: de surrealistas: de abstracionistas... etc., etc.

Nas reviravoltas sociais, com o aparecimento de oportunidades de classes para grupos de pouca expressão cultural, por exemplo, surge a arte oportunista no mercado da oferta e da procura.

A procura, sem tradição artística, decai a qualidade da oferta, valorizando a arte do artista de pouco gênio ou do gênio comodista.

Quando a classe preponderante cria tradição, reaparecem as obras expoentes.

As variações têm se verificado na História, sofrendo o determinismo das acomodações sociais.

Observa-se que há, depois das fases, o aparecimento de expressões extremas que se contrapõem.

Se a arte se vulgarizou, na corrida das oportunidades da procura medíocre, retempera-se como arte de escol, criada para a compreensão de iniciados; para os apreciadores especialistas; para a procura exigente, onde a sensibilidade extasiante de seu criador moldura-se nos requintes técnicos de arte laboriosa.

Surge a impetuosidade do novo sobre o antigo...

Mutação que caracteriza os anseios da humanidade, da qual a arte espelha a sensibilidade...

EU E O MAR

O Mar, que o meu olhar percorre e sempre sonda,
vai exibindo, quais eternos brincalhões,
os murmúrios... E estruje, e revolto se estronda
no choque milenar com velhos paredões.

Nesse instante, em sutil colóquio, o luar e a onda
vão modulando, em doce auréola de ilusões,
os encantados sons que, às vezes, a alma ronda
no estranho carrocel repleto de paixões.

Cuido, assim, que as razões de todas as canseiras,
são para o Mar e são a todo o ser que sonha
as mesmas igualmente e sempre verdadeiras...

Somos todos iguais, na vida, algum momento,
quando se extingue, em nós, a luz casta e risonha
que consegue anular o próprio Sofrimento!

DIÁLOGO DAS DISTÂNCIAS...

Buscamos ver, de novo, a paisagem agreste,
onde o Amor fez nascer, em ridente transporte,
a esperança divina e aquele dom celeste
que elastifica a vida, a despeito da morte.

Tudo estava disposto, ali; numa inconteste
e festiva harmonia entre o frágil e o forte;
a floresta, trajando indesejada veste,
e a brisa, circulando a paz que vem do norte.

Lá longe, a serra azul tranqüila cachimbando
e o lépido regato entre pedras correndo,
de queda em queda o som das coisas modulando...

Mas, naquele painel maravilhoso e vário
cuidei sentir, ó Deus, em cismas me perdendo,
que o nosso amor fugia às pressas do cenário!

MÃE

Vendo Maria que em seu doce encanto
olhava a Cristo, seu Supremo Bem,
tive desejos de ser puro e santo,
para me olhares, Mãe, assim também...

Nos olhos teus eu compreendi, no entanto,
que, merecendo embora o teu desdém
de ser - quem sabe? - a dor de todo Pranto,
tu me quiseste sem nenhum porém...

Se Cristo é de Maria o mais dos filhos,
és garantia e doce Sentinela
que mantém minha vida sobre os trilhos...

E eu que sondei o espinheiral profundo
bem sei, ó Mãe, és o reflexo Dela
sentindo o amor de toda mãe do mundo!

AMOR EGOÍSTA

Mais egoísta em doar do que aceitar
esta estranha emoção chamada amor
já nos leva, afinal, por enjeitar
o bom senso, da mente o condutor.

E a tudo que a razão faz suspeitar
entre o bem e o mal, a própria dor
acaba, finalmente, em empreitar
bebendo o amargo fel assolador.

Por isto é que, em verdade, nos comove
muito menos em sermos enganados
pelo amor de quem tanto nos promove

do que, enganados sermos, nos proclamamos
do nosso amor, de sonhos almejados,
por aquela a quem tanto desejamos...

MEUS NERVOS INTERIOCEPTORES

Eu sou um ser sereno e auto-controlado
capaz de suportar as grandes emoções
com raciocínio frio e muito ponderado
sem me deixar vencer por grandes aflições.

Sensitivo, o aferente é sempre um bom agrado
para o centro nervoso e amigo das paixões
onde o eferente, sempre atento, é educado
no julgamento bom das deliberações.

Por isto eu tinjo o mal com cores de bonança
e vou vivendo, assim, em toda a minha andança
neste mundo nervoso e mau, com meus harmônios.

Mas, quando o seu olhar no meu olhar descansa
eu sinto, em desconcerto, a mais veloz mudança
da polarização total dos meus neurônios...

AMANHÃ

Amanhã será outro dia...
Mas, que importa!
Outra agonia,
Outra folha morta,
Caída,
da árvore da Vida...
Mesmos problemas,
sombras inquietantes.
Mesmos dilemas,
mesmo viver cansado...
Dias maçantes...
Não! Não! Mas, não!
Amanhã será outro dia!
Melhor, menos mau!
Mais esperançado!
Não tão igual porque,
cada vez mais distantes,
ficam as tristezas no passado!

CIRCUNSPETO...

Esta circunspeção de minha vontade
que me evita as aflições,
que não me deixa ter pavor,
também modera minhas alegrias.
Alegria... Alegria! Ó, a alegria!!!
Que bom a alegria!
A circunspeção...
Ora, a circunspeção!
Faça, não faça!
Sinta, não sinta!
Às favas! Às favas!!!
Faz-me até ter inveja nos nescios...
Eles se amedrontam,
eles se apavoram,
eles se aterrorizam,
mas também vibram,
mas também se sacodem
e explodem no gozo!!!
Mas, porque estas exclamações?
Não, apenas reticências...
Moderadas... Pouco irônicas...
Afinal, não sou circunspeto?...

ACRÓSTICO I

1961

Anda comigo, filho, enquanto estão brilhando
Luzes, sem conta, pelo imensurável espaço.
Vamos seguir, a passo, e, após de cada passo,
Achar naquela luz que aflora colorida
Resplendores que vão de longe, quando em quando,
Orgulhosos mostrar o renascer da vida!

Avante, pois! Agora ela vai sorridente
Na doce transição, ansiada e transcendente,
Tão ao gosto da amena e pura mansidão...
Olha bem, vamos indo. Após a claridade
Nascente, vai surgindo essa felicidade
Intacta e solidária e que se faz presente
Onde o impulso comanda a própria vibração!

ACRÓSTICO II

1961

Já que do sonho, em meu sonhar estás vivendo
Universal e inteiro em tudo demonstrando,
Lembra, filho, esse bem que a ti deixar pretendo,
Intenso e uno a si mesmo, em tudo revelando
O anseio de alcançar, entre os densos conflitos

Mais do que, apenas, luta ingrata e luta inglória
A traduzir o abismo intérmino dos gritos...
Renega se puder, meu filho, essa vitória
Inflada de mentira e de infinitas dores
Onde se vê, tão só, o fenecer das flores!

ACRÓSTICO III

1961

Tão pequena, essa minha filha, ainda,
E por desgraça desta graça infinda,
Ridente e bela, como doce flor...
Eu só a quero feliz, muito feliz,
Símbolo de perpétua flor de liz
Aurindo todo o bem e todo amor.

Viverei, doravante, esse objetivo
Indo, a partir de agora, já cativo
Rogar a Deus a eterna proteção...
Guarde ela, pois, a graça da mulher
Inteira, em todo sonho que tiver
Na quadra enganadora da ilusão,
Iluminando as trevas do caminho,
Através da ternura e do carinho!

ACRÓSTICO IV

1977

Mais do que se supõe, pela existência inteira
A mulher vai sonhando, e no sonho, fagueira
Retira do sorriso, a bondade e a esperança
Inteira, e delicada ao aspirar e, mansa,
A ventura singela e sempre alviçareira.

Deixa, pois, filha minha, a beleza florir
Aumentando em ti mesma a graça de sentir.

Concreta, na verdade, a cada doce instante,
O ser que vai crescendo e prossegue confiante
No bem que há praticado e na fé cultivada
Como quem pode ter confiança na almejada
Esperança do quanto ousou arquitetar.
Isso, tão só reflete o desejar risonho
Construindo, pouco a pouco, a mansidão do sonho,
Adocicando mais, entre amargos abrolhos,
O fulgor que perdura e brilha nos teus olhos!

ACRÓSTICO V

1977

Raios de sol brilhando em tua aurora,
Unindo as mãos e os corações unindo
Inteiramente, pela vida a fora...

Ah, filho meu, que agora estás sorrindo
Franca e serena e bela e docemente
Resumindo esperanças simplesmente
Ajuntadas ao longo da existência.
Não desistas da luta, nem do sonho
Interrompas, jamais, no tom risonho,
Os encantos contidos na inocência!

Junta pois, filho, ao nobre pensamento
Um toque de elevado sentimento
Nas tantas decisões que irás tomando,
Indo e vindo aos embates do destino...
Opera a vida no exultar de um hino
Reestruturando-a enquanto estás sonhando!

AS VIRTUDES DO AMOR

No tumulto das coisas da existência
vencendo, passo a passo, a caminhada,
unidos pela mesma transigência
vamos juntinhos, eu e minha amada!

E nesta doce e casta florescência
fica mais bela e mais florida a estrada
e, mais leve talvez cada exigência
que a vida faz sem avisar de nada.

São virtudes do amor sentido, e ao ve-las
na radiosa ascensão que as glorifica,
como são a fulgência das estrelas...

cuido escutar dolentes sons no riso
que, vindos dela, humanizada fica
e por quem, tanto e tanto, me humanizo!

O CRÍTICO LITERÁRIO AGRIPINO GRIECO

(Publicado com a autorização da Academia Duquecaxiense de Letras, onde o presente trabalho classificou-se em 1.º lugar na Festa do Talento de 1978.)

Tardou a Crítica Literária no Brasil. Após o Pré-Romantismo, onde começou indecisa, dá seus primeiros passos no Romantismo. De alguma sorte, contudo, ia se firmando a Antologia e a Biografia de autores, indispensáveis à Análise Crítica, com o método já sistemático de Joaquim Norberto de Souza e Silva, estudando o Grupo Mineiro.

Ao Cônego Fernandes Pinheiro cabe o primeiro ensaio crítico propriamente dito, que se avoluma com João Francisco Lisboa e Adolfo Varnhagen, ganhando coloração verde-amarela.

Defensor intransigente do nacionalismo de nossa literatura, José de Alencar criou o cisma desta com a literatura portuguesa, no que lhe valeu violentos entreveros com os lusitanos. Porém a coloração nacional da Crítica Literária não prescindiu dos métodos das correntes filosóficas européias, com a aplicação à Estética da Sociologia, do alemão Kant, com os estudos da influência da raça, do meio histórico, etc., nas acepções do francês Hipólito Adolfo Taine.

O primeiro gigante da Crítica Literária surge, então, com a filosofia sociológica da literatura, na pessoa do polemista Sílvio Romero e que é, em que pese a profundidade da análise estética de um Araripe Júnior, um dos mais puros críticos desta época.

Mais recentemente, no Impressionismo e no Formalismo, vão se verificar reações aos processos e métodos de Sílvio Romero, destacando-se entre outros João Ribeiro, o verdadeiro precursor do Modernismo, Medeiros de Albuquerque e João Veríssimo, no início e Álvaro Lins e Sérgio Milliet como continuadores, para seguir com uma ilustre pleiade dos nomes de Otto Maria Carpeaux, Afrânio Peixoto, Franklin de Oliveira, Roberto Alvim Corrêa, Alceu de Amoroso Lima, Agripino Grieco, M. Cavalcanti Proença, Eduardo Portella e outros.

A Crítica sob a luz dirigida, em formação filosófica e sociológica que muita vez buscava Sílvio Romero no evolucionismo spenceriano, no estudo das origens do pensamento literário de Taine ou das bases sociológicas de Kant, foi abandonada.

Já não importavam as razões do germanismo de Tobias

Barreto, com as quais a austeridade de Sílvio Romero não acatava a estética de Machado de Assis.

Foi, sem dúvida, a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo a grande motivadora, de lá para os nossos dias, da Crítica Literária no Brasil, pelas suas novas considerações quanto à filosofia do Belo.

O Belo é tudo que desperta sensibilidade estética, como Estética é a distinção entre o belo e o feio e sendo o artista o criador do Belo, a Arte é a criação do artista na sua forma de expressão.

A Crítica Literária, como a crítica de todas as artes, havia de ter novos conceitos de Estética. Esta radical mudança de conceitos faria Monteiro Lobato escrever um artigo a respeito dos quadros cubistas de Anita Mafalti, com o título "Mistificação ou Paranóia"? e os modernistas, com as ânsias do movimento de vanguarda do após-guerra, responderiam com todas as armas.

As Artes Plásticas, que foram as primeiras formas desta revolução estética, haviam de jogar com as cores berrantes da pintura cubista os tons vivos da literatura. Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo.

O impacto da nova concepção do Belo do após-guerra não ficaria apenas nas cores, iria para a forma, iria para o som, iria para a expressão na literatura...

Já Marinetti, na Itália, iniciou e franceses como Guillaume Apollinaire, Max Jacob, Ivan Galk, Blaise Centraos, Cocteau, Pierre Reverdy e outros surrealistas como Aragon, Soupault e Berton atuariam os entusiasmos dos brasileiros, na fúria iconoclasta contra os valores tradicionais.

A conferência de Graça Aranha reformula a concepção de estética na Arte Moderna, seguida de outra por Menotti Del Picchia, ambas recebidas com vaias, e que foram o estopim. A platéia só aceitava Guiomar Novais porque interpretava Chopin ao piano e Villa Lobos, porque ainda interpretava música tradicional. Mário de Andrade e Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho e Sérgio Milliet, Luiz Aranha e Renato Almeida agitavam os meios literários com pronunciamentos e artigos sobre Modernismo, sobretudo na revista Klexon. Alguns passadistas que haviam atacado o movimento modernista aderiram, como Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e outros. Mas a proliferação de diversos grupos modernistas foi a principal causa de desagregação, com as polêmicas do Manifesto Pau-Brasil, do Verde e Amarelo, do Terra Roxa, grupos que se filiavam a publicações, como as Revistas Klexon, Novíssima, Estética, do Brasil, Verde, Efemérides, Movimento Brasileiro e Arco Flecha, desenten-

dendo-se os grupamentos de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Cataguazes, Ubá, Salvador, Belém e capitais dos estados nordestinos.

O denominador comum foi, contudo, a derrubada dos ídolos tradicionais da literatura e o endeusamento de novos valores, do sangue novo da literatura, com as novas concepções de estética.

Ainda em 1930, havia de dizer Getúlio Vargas, o político oportunista, num discurso na Universidade do Brasil, que a Revolução tinha suas raízes na Semana de Arte Moderna, em 1922...

O sentimento iconoclasta dos modernistas foi o que mais perdurou e fez Afrânio Peixoto dizer: "Em nenhum país do mundo, como em Portugal e Brasil existe menos crítica isenta - disse-o Aubrey Bell, de Portugal, digo-o eu o mesmo do Brasil: - é elogio mútuo ou descompostura pessoal. Os moços, os novos chegam, querendo impor-se à impiedade, comendo os velhos... Antes disso, correm-nos a pedradas..."

Foi neste clima de Crítica iconoclasta que, quando Alceu Amoroso Lima se desligou de "O Jornal" onde mantinha uma coluna moderada de Crítica Literária, o foi substituir Agripino Grieco, o mais iconoclasta dos críticos que já deu o Brasil...

Já havia Agripino Grieco publicado um livro de versos em 1910, "Ânforas". Premiado pela Academia Brasileira de Letras, diria: "Prêmios acadêmicos, em geral, só distinguem coisas ordinárias". Não se curvava aos elogios, não se submetia a relacionamentos de simpatias. Foi sempre autêntico, fazendo apenas exceção aos novos, a quem sempre estimulava.

Aos "monges literatos", sobretudo aos acadêmicos, não os poupava. Perguntado se não iria se candidatar à Academia Brasileira de Letras respondeu: - "Não me encoraja ter alojamento grátis no Mausoléu dos Imortais. Tremo de medo ao calcular que meus ossos poderiam ali ser misturados aos de Viriato Corrêa".

Quando achava tolo um artigo ou um discurso, não deixava de se manifestar, mesmo que este artigo ou discurso fosse um elogio a ele. Certa ocasião um professor em Campinas saudando-o disse: - "Desta cidade saíram muitos homens de talento". Agripino, que já não estava suportando, retrucou dizendo: - "Saíram todos..."

Nunca um crítico foi como Agripino, que não usava meias palavras nas suas análises, geralmente ferinas. Quando não suportava, o ataque era frontal, sem rodeios.

Os "medalhões" da literatura eram especialmente visados. De Ataulfo de Paiva dissera: - "Era tão mediocre, cabeça tão vazia, que quem comesse os miolos dele poderia comungar..."

De Gilberto Freire: - "Casa Grande e Senzala é um livro

bem pensado e mal escrito: pensado na casa grande e escrito na senzala...". De Machado de Assis: - "Não foi um criador de tipos, nem um autor universal. Todo ele passado na peneira, pouco lhe resta de originalidade". De Jorge Amado: - "Trocou Gabriela pela Batista, é o lenocínio literário..."

Não havia, para Agripino Grieco, autoridade maior que sua independência em se manifestar. Perguntado se lera Jarbas Passarinho, respondeu: - "Não li Terra Encharcada, o romance de Jarbas Passarinho; tenho medo de pegar impaludismo...". Recebendo de um conhecido escritor a "Guerra do Paraguai", em 5 volumes, um para cada ano da guerra, desabafou: "Ainda bem que não resolveu escrever a guerra dos Cem Anos..."

Como teria se formado este caráter tão independente, tão corajoso e que a nada temia? Foi nascido em Paraíba do Sul e extraímos sua Certidão de Batismo, realizado em 2 de dezembro na qual consta ter Agripino Grieco nascido a 25 de agosto de 1888 e não a 15 de outubro, como ele mesmo comemorava.

Agripino foi menino brigão, gazeteava as aulas, aborrecia aos mendigos e apedrejava os animais, como ele mesmo narra em sua deliciosa "Reminiscência". Já era o caráter autêntico. Não esconde o que muitos esconderiam.

Há pureza naquele que não esconde as maldades que fez. Ele sempre foi autêntico em seus pronunciamentos, sem subterfúgios. O pai, que possuía uma loja de consertos de guarda-chuvas, castigava-o quando ele fazia flechas com as varetas, para fígar os gatos... E confessava que fazia, sem receios. Esta foi a maior característica de sua personalidade: um homem sem receios, independente. Alguns o disseram mau, mas ajudou a muitos, estimulou aos jovens, prefaciou, com elogios, a quem nunca tivera qualquer outro elogio. Foi, portanto, um autêntico. Se combateu aos grandes fez, contudo, justiça a muitos: - "Rui, um monossílabo que enche a História do Brasil". "Sem Rui Barbosa o céu do Brasil seria abóbada deserta."

Se criticou a criatividade do grande Machado de Assis, dele também disse: - "Machado de Assis, aquele cuja gota de tinta era muitas vezes de veneno, mas muitíssimas vezes gotas de luz".

Foi, sem dúvida, um rebelde quando analisava a obra e o homem sem se importar com os antecedentes muitas vezes brilhantes de um talento. Criticou não só a literatura, senão todas as artes. Tendo escrito frases pouco lisongeiros sobre Vila-Lobos, perguntaram-lhe se entendia de música ao que respondeu ser como Vila-Lobos, também nada entendendo de música. Dos quadros de um renomado pintor, disse serem suas pinturas destinadas a subir de preço, com a valorização dos objetos que pintara. A um retrato que Porti-

nari pintara de Henrique Lage, usando tinta roxa: "deve ser do Dr. Henrique Roxo..."

Ironizou dezenas de médicos, "os que fazem a mais trágica arte: a de matar..."

"Bom médico é o Professor Austregésilo que lançou no mercado um remédio para curar dor de cabeça, naturalmente as dores de cabeça que seus discursos provocam..."

"Dr. Luiz Barbosa era médico pediatra. Hoje é médico de adultos para continuar tratando aqueles meninos que até hoje não se curaram..."

"Dr. Ortiz Tirado, o médico cantor que destinava o produto de seus recitais a instituições de caridade, era de fato muito generoso, porque não clinicava..."

"O Dr. Anibal de Moraes Melo é tão eficiente que ao passar um atestado de óbito, escrevera no lugar da causa - mortis: Anibal de Moraes Melo..."

"O Dr. Aloísio de Castro, que é músico, escreveu uma berceuse, que adormece, imediatamente, os seus ouvintes..."

Poucas profissões liberais escaparam ao sarcasmo de Agripino. Martirizou demônios e santos.

De um padre, tido como santo homem e possuidor de uma grande biblioteca, afirmou: "A única virgem na casa dele é a biblioteca..."

Críticos literários, escritores e, sobretudo poetas, foram as principais vítimas:

"João Ribeiro foi um crítico que afirmava e negava os mesmos fatos num espaço de quarenta e oito horas..."

"Afrânio Peixoto tem o hábito de raramente dizer não. Deve ter nascido do fato de ir de trem a Petrópolis, onde os saculejos, na subida da serra, acostumou a fazer sempre "sim" com a cabeça".

"Manoel Bandeira deu como de Berthelot, uma frase de Lavoisier; classificou como romances, contos de Flaubert, o mesmo fazendo com Daudet; transformou Raul Pompéia em carioca e Alberto Lamego em português.

Foi por estes disparates que entrou na Academia de Letras e não por ter escrito belos versos..."

"Clementino Fraga recusou o cargo de Ministro, alegando não possuir conhecimentos. Por que ele entrou, então, para a Academia de Letras?"

"Aliás, a Academia de Letras está bem localizada, perto do Frigorífico de Santa Luzia, da Santa Casa de Misericórdia e do Necrotério..."

Não houve ídolo, ou talvez a única exceção tenha sido Castro Alves, a quem sua ironia tenha poupado. De Alberto de Oliveira, a quem também fez elogios, disse: - "Dizem que o Alberto de Oliveira encerava os bigodes com a cera do ouvido do crítico Osório Duque Estrada. Alberto de Oliveira apertava muito os versos. Em dado instante ele falava em águas reais, apertou tanto que acabou falando em água ráz."

Agripino deixou Paraíba do Sul aos 18 anos incompletos, vindo para o Rio, onde prestou concurso para a Estrada de Ferro Central do Brasil. Vitor Conder o chama para Auxiliar do Gabinete do governo de Washington Luiz e, logo após, no gabinete de Marques Reis.

Assume a cadeira de História da Literatura na Universidade do Brasil. Em 1935 integra uma comissão de escritores brasileiros numa excursão a Buenos Aires. Viaja para o interior do Brasil num roteiro de conferencistas.

Após "Anforas", de 1910, surgem outros livros: "Estatuas Mutiladas", "Contos", em 13; "Caçadores de Símbolos", em 23; "Vivos e Mortos", panfletos em 31; "Evolução da Poesia Brasileira", em 32; "Evolução da Prosa Brasileira", em 33; obras quase todas de crítica contundente. Dos dois últimos livros, havia de dizer Otto Maria Carpeaux: - "Menos uma estória de poesias e prosas brasileiras do que uma coleção de esperçus espirituosos sobre poetas e prosadores brasileiros, escrevendo aliás muitas observações justas e seguras".

Em 33 publica ainda, com Gastão Cruls, "O Boletim de Ariel" e em 35 seu livro "Gente Nova" é dedicado às novas obras de ficção. "Carcaças", em 37, volta com dose de veneno e sai à última hora, com o título de "Carcaça Gloriosa". Interrompe seus escritos para ir à Itália, terra de seus pais, a convite de Mussolini. De lá o crítico diria: - "O Vesúvio é contra o facismo e torna-se necessário que lhe atirem, todas as manhãs, tonelada de carvão em pedras..." Londres não lhe escapa: - "Londres, onde os homens não falam, os automóveis não buzina e os cães não ladram..." no Brasil, na Bahia, havia de dizer: - "A velha Bahia, com aquelas ruas que parecem torcerem-se numa espécie de cólica hepática". Quando lhe indagaram porque era tão ferino, sorriu e respondeu: - "Vibora, quando perde o veneno, vira minhoca..."

Não temia nem os ferinos como ele. De um grande orador e homem mordaz disse, na presença do mesmo a uma senhora que não o reconhecendo, julgou já o ter visto alguma vez: - "A senhora não está lembrada? Nós já dormimos juntos..." e, quando a senhora da alta sociedade sentiu-se profundamente ofendida acres-

centou: - "Sim senhora, foi na conferência deste senhor..."

Mas o inegável é que muitos escritores passaram a esmerar frases para não serem alvo de Agripino Grieco, especialmente os seus desafetos da Academia Brasileira de Letras, do qual dizia: - "A casa de Machado de Assis está tão mal frequentada hoje, que passou a ser suspeita. E dou um prêmio a quem disser, seguidos, os nomes de dez acadêmicos..."

Não se estranha, portanto, que a Academia de Letras não tenha prestado as homenagens no enterro de Agripino e, muito ao contrário, o acadêmico Ivan Lins, pouco depois de sua morte, foi acionado pela família de Agripino sob alegação de injúria à memória do crítico pois, referindo-se a ele em um artigo, escreveu: "...é perante a morte que a verdade deve manifestar-se em toda sua luz. O cidadão que aí jaz exâmine é um patife".

De um personagem de Paraíba do Sul assim se espresou Agripino: - "O Dr. Randolpho Augusto de Oliveira Pena aprendeu francês graças a um dicionário encadernado em pele cor-de-rosa que era de uma costureirinha linda..." e de outro: - "Um advogado chamado Pergentino da Costa Lobo, assim como que um metro e quarenta acima do nível do mar".

Agripino, ao criticar uma obra lida, relia e consultava dados geográficos e históricos e por isso pode dizer: - "Rui Gonçalves, historiador de Letras, põe na série Rondon Macquarte, de Zola, narrações estranhas a ela; rotula de contos três romances de Maupassant; fez do pernambucano Martins Júnior fluminense, toma irmão de Antonio Perreiras o seu sobrinho Ataíde e não recua diante desta horrível expressão: bipartindo-se em dois..." Critica: "Gastão Pereira da Silva levou Almeida Júnior a embarcar na Estação do Norte de São Paulo rumo ao Rio, antes de existir essa estação..." Martins Junior intitulou uma sua poesia de "Magna Dor", mostrando que não tivera estrito contato com os latinistas do Recife.

Foi o crítico mais irônico do Brasil. De Mario de Andrade disse: - "...huove nesse revolucionário um clássico e nesse pretenso inimigo das bibliotecas um erudito em quem se conciliava cultura, gosto e percuciência crítica".

Ao ler um poema de Carlos Drummond de Andrade que terminava: "Desconfio que fiz um poema..." acrescentou à margem: "Esses mineiros são desconfiados..."

A um seu futuro biógrafo respondeu: "Meus dados biográficos estão aí nesse resumo feito pelo Instituto Nacional do Livro, mas não é isso que interessa ao leitor. O povo gosta de pilheria..." - e mais - "...se estou aposentado? Estou. Aposentei-me como escrivão da letra K, mas nem o cágado tem mais o K".

Dissera Agripino pouco antes: "Na Casa de Machado de Assis, o pleito sucessório se resume na colocação de um defunto em lugar do outro..."

E, sobre aposentadoria, conta: "Lembro-me de um embaixador, o Muniz de Aragão, quando decano em Londres, com medo de que o aposentassem antes da coroação da Rainha, em que seria o primeiro da fila dos cumprimentos. Queria ficar lá para isso. Anos depois fui encontrá-lo no Tesouro. Era o quinto da fila no guichê..."

Foi inesgotável a verve de Agripino Grieco e sua ironia profunda tem lhe dado uma imagem irreal de somente iconoclasta, que também foi, encobrindo o seu aspecto de homem bom, que ajudou a muita gente, sobretudo aos que iniciavam.

Josué Montello tem páginas de fina ironia apreciando Agripino sentado, na embaixada de Portugal, com a condecoração da espada de Santiago. É um grande crítico examinando outro, sempre avesso às condecorações e títulos de nobiliarquia acadêmica.

Conta Josué Montello: "Quando vi Agripino, Grieco, uma noite de Dezembro de 1963, na sede da Embaixada de Portugal, com o peito adornado pelo colar de Santiago da Espada, numa cerimônia de alta distinção diplomática, não me lembrei das pilhérias com que o grande escritor de "Sol dos Mortos" alfinetou ao longo da vida combativa a vaidade de muita gente ilustre que adora enfeitar-se com a placa e a fita das condecorações". E adiante: "É que Agripino Grieco, momentos antes de ser condecorado, tinha profereido uma conferência admirável, evocando as altas glórias literárias de Portugal e o havia feito à sua maneira, isto é, distribuindo cuteladas rijas" - e completa: "Ao emposar-se na Academia Francesa, aludiu Cocteau em seu discurso à espada que lhe pendia da cintura e terminou reconhecendo que os amigos lhe tinham oferecido para que, com ela se defendesse contra si mesmo. Quem sabe se não é essa também a intenção do governo de Portugal, ao conferir a Agripino Grieco, com tanto acerto, a comenda Santiago da Espada?"

Mas o mordaz crítico nem contra ele mesmo se defendeu.

Em seu livro "Disparates" (1968), após ironizar muita gente, acabou dizendo: Esta agora é minha: "Teófilo Braga teve a envestir contra seus estudos o médico Ricardo Jorge, homem de nariz em bico de gavião e que, num folheto rumoroso, procurou azedamente depenar o grande erudito". Ele mesmo se ironiza dizendo: Contra o Plágio do Professor Teófilo Braga, de Ricardo Jorge: "é livro de amplo formato e que possui 220 páginas..."

Ao fim da vida quedava-se isolado, saudoso de sua Isaura, relendo livros de sua imensa biblioteca, em sua casa do Meier, próxima ao Corpo de Bombeiros. Não possuía telefone "para se livrar

da descompostura dos criticados", mas recebia cortesmente quem o procurava, nunca se esquecendo de mostrar o retrato de D. Isaura, sua esposa e companheira de 59 anos, falecida em fevereiro de 1972. Sempre irônico, trazia na conversação uma pilhéria como, entre outras, a de apresentar o coelho Charles, "que possui uma extraordinária virtude (aí fazia suspense) - não me incomoda porque não escreve..."

Falava com carinho de seus filhos, todos nascidos no Meier: Donatello Grieco, embaixador do Brasil na Iugoslávia; Gioconda Grieco Santana, sempre muito cuidadosa com o pai; Francisco de Assis Grieco, conselheiro da Embaixada do Brasil em Londres; Rosa Maria Grieco funcionária do Ministério das Relações Exteriores e Berenice Grieco de Barros Moreira. Tinha encantamento pelos cinco netos e três bisnetos.

Contava, mostrando as estantes desiguais, que foram compradas em segunda mão. O valor estava nos livros, "que não os tinha para decorar a casa".

Aos mais íntimos apontava uma caixa de sapatos, "onde guardava o chulé da literatura". Nessa caixa, bilhetes, possivelmente para suas memórias, que chamava de "Antumas" e não "Póstumas", pois já as estava publicando, não se referiam a pessoas. Só ele sabia a quem eram destinados...

Um escritor, vendo sua velha máquina de escrever, mostrou desejo de lhe presentear com uma nova. Disse Agripino: - "Mesmo para criticar a sua obra, não quero outra. Esta é uma alemã que me acompanha há mais de 60 anos".

Na comemoração de seus 80 anos, no jantar do Restaurante Mesbla, definiu-o com muito acerto Antonio Olinto, o patrocinador da homenagem:

"Agripino abriu caminhos e limpou as rotas literárias do País, tornando possíveis todas as renovações aqui havidas nos últimos 60 anos. O caráter demolidor da obra de Agripino tem sido indispensável a nossos movimentos renovadores".

Nessa manhã foi acordado com o toque de clarins do Corpo de Bombeiros. O Meier se engalanou na homenagem promovida pelo Instituto dos Centenários, Sociedade Beneficente Estrela do Meier, Rotary Club do Meier e Corpo de Bombeiros.

Em vida, como poucos escritores, viu seu busto inaugurado em praça pública. Um já fora inaugurado na sede da Prefeitura de Paraíba do Sul no dia 15 de janeiro de 1973, às 17 horas. Nele há a inscrição: "Paraíba do Sul, a seu filho ilustre Ágripino Grieco, luminar da literatura brasileira e intérprete da ternura piraguara pela terra natal, no 140º aniversário da criação do municí-

pio. 15-01-73". Este busto encontra-se hoje na praça Carmela Dutra.

O no Meier foi inaugurado durante as comemorações de seus 80 anos, ocasião em que Humberto Braga, secretário do Governador Negrão de Lima disse: "A posteridade não se deterá diante deste busto para indagar quem foi Agripino Grieco".

Agripino Grieco, que possuiu uma invejável cultura sobre literatura Universal e do Brasil, fê-la por auto-didatismo, sem qualquer orientação metodológica.

Lotado que foi no Ministério da Aviação e Obras Públicas, deixava a repartição para ir à biblioteca na rua do Passeio, onde lia horas à fio.

Sua figura ficou célebre nas bibliotecas municipais e na Biblioteca Nacional, onde era o último leitor a deixar a sala, fiscalizado por todos os funcionários do expediente, que contavam os minutos, ansiosamente, que faltavam para as 21 horas, fim do atendimento ao público, até quando ficava Agripino.

Seus artigos na "Gazeta de Notícias", "A Pátria", "O Jornal", "O Mundo Literário" ou no "Boletim do Ariel" demonstravam essa vasta cultura literária.

Reuniu em sua biblioteca 60.000 volumes, que foram pretendidos pela Prefeitura de Paraíba do Sul para a futura Biblioteca Agripino Grieco, no solar do Visconde de Piabanha. Contudo, seu filho Donatello preferiu pô-la à venda.

Agripino pode ser incluído entre os melhores conferencistas que teve o Brasil. Usava uma tática oratória: no período de maior suspense ameaçava terminar, mas continuava. Ele mesmo confessou: - "Vou terminar, como quem acaba, como quem acaba. Há em mim um pouco de velhacaria como quem acaba, e vou prolongando a oratória".

Seu caminho para a Crítica foi depois de premiado com "Anforas", com o livro "Estátuas Mutiladas" em 1913, que lhe valeu a apresentação de Lima Barreto a Fernandino Borja, editor do panfleto "Hoje". Lá Agripino passou a fazer sátiras, publicadas posteriormente em "Fetiches e Fantoche". Suas análises em "Caçadores de Símbolos" levaram-no a Tristão de Ataíde, a quem veio substituir em "O Jornal".

Sua verve não poupava nem seus admiradores. "- Estive em Caxias, onde fizeram-me até Presidente da Academia de Letras de lá, e eu disse que era duplamente imortal, porque tomei posse e voltei vivo".

Sofrendo de uremia, foi levado para a Casa de Saúde São José, onde submeteu-se a uma operação no aparelho renal, falecendo aí às 9:15 horas do dia 25 de agosto de 1973.

Seu enterro, no dia seguinte, saiu da Capela A do Cemitério do Catumbi para a sepultura 18, quadra C, às 16:30 horas. Compareceram 148 pessoas, fizeram-se ouvir tres oradores na decida do corpo, cujo caixão foi ladeado por 8 coroas de flores.

Choros convulsivos e soluços de dor ouviam-se enquanto falavam o general Venturelli Sobrinho e o acadêmico Nelson Gama Nascimento.

A crítica literária encerrava um capítulo com uma ironia do Destino: teria ele feito uma ironia ao irônico Agripino Grieco, fazendo-o morrer no mesmo dia em que foi registrado como nascido, este "Caxias das Letras", que foi presidente da Academia de Duque de Caxias?...

QUASE UM EXAME FORJADO

(Trecho de um discurso de paraninfo da turma de 4a. série ginasial de 1945 do Colégio Anglo-americano).

"... veio-me, então, o convite que muito me honrou: ser o paraninfo da turma, mas, até aí, o sorriso de vocês foi a poderosa arma... Não queriam um discurso "empolado como os discursos de paraninfos. Queremos natural, como o Sr. fala nas aulas. Como se fosse uma aula, ou recapitulação de uma aula, o que preferimos..."

Lembrei-me, então, de um momento aflito para mim. Muito aflito mesmo e que vocês não souberam. Dependia de minha aula uma possível suspensão ou, talvez, a expulsão de alguns...

Nem mesmo faço idéia do que vocês pensaram quando, naquele dia, entrei em aula declarando: - Hoje, em vez de Geografia, darei traços biográficos de músicos. E nada justifiquei, pois que atrás da porta estavam o nosso diretor, Dr. Frederico Ribeiro, e Mr. Wright, este de papel e lápis em punho para taquigrafar a aula e tudo que vocês dissessem...

Minutos antes, Dr. Frederico havia me dito: - "Você não deve saber mais música do que eu, que nada sei, porém, como a professora Lais disse-me que eles iriam fazer rebelião contra as biografias de músicos, quero que você faça o possível de falar sobre isto. É uma experiência que pretendo, já que eles gostam de você".

Entregou-me a pauta de música onde estava registrado como dever de casa: Biografia de um grande músico. Exemplo: Beethoven, Schumann Schubert, Liszt, Berlioz, Bizet, Brahms ou Wagner.

Comecei intempestivamente a aula e ei-la aqui, já que foi taquigrafada pelo Mr. Wright:

"— Vocês sabiam que Beethoven foi bastante convencido do seu valor? Ainda pequeno foi elogiado por Mozart. Mozart, como vocês sabem, foi prodígio aos seis anos, compondo música. Interessante que este grande Mozart, no princípio de sua carreira de músico, não suportava o som da flauta.

Beethoven admirava Goethe e, lendo as poesias deste inspirava-se para compor suas músicas. E ele, que tanto admirava Goethe, acabou, sem querer, sendo seu rival pois ambos partilharam dos amores de uma coquete intelectual chamada Bentura Britano. Pobre Beethoven, ficou totalmente surdo e, desgostoso afastou-se de todos até mesmo da condessinha Julieta que era sua paixão recolhida, pensando mesmo em suicídio. Morreu na miséria o grande Beethoven.

Rossini, que o foi visitar no seu desarrumadíssimo quarto de solteiro, disse que em toda a sua vida o que mais lhe impressionou foi ver a miséria em que vivia Beethoven. Ouçam a 5ª Sinfonia para terem a noção de como foi grande este genial Beethoven. Se o grande Mozart aplaudiu a menino Beethoven, o grande Beethoven aplaudiu o menino Liszt, que aos nove anos dava concerto e aos quatorze compunha uma ópera. Liszt foi o maior pianista de todos os tempos.

Fez pilhéria com os pianistas da época compondo uma música, muito ligeira, a qual continha duas escalas, uma ascendente e outra descendente, e ao mesmo tempo uma nota no centro do piano. Disseram os músicos que era impossível executá-la ao que ele, narigudo, executou-a com o nariz... Foi extraordinário este Liszt. Ouçam as Rapsódias Húngaras. Liszt foi um bom. Protegeu muitos músicos, entre eles Chopin e Wagner, dois outros grandes. Que pena que a professora não pediu a biografia de Chopin... Mas vocês conhecem as Mazurcas, os Prelúdios, os Noturnos do romântico Chopin. Liszt, o maior pianista de todos os tempos, acabou místico, num mosteiro.

Quem desejou ser o maior pianista de seu tempo foi Schumann. Ele tentou dar independência ao dedo anelar, amarrando-o por um cordão ao teto. Ficou paralisado da mão, abandonando a carreira de grande virtuose, dedicando-se apenas a composição. Procurem ouvir a 1ª Sinfonia em si bemol de Schumann. Que bela obra! Pobre Schumann, ficou louco, tendo delírios nos quais via os espectros de Beethoven e Schubert perseguindo-o... Que loucura injusta até na escolha dos espectros... O bom Schubert não perseguia ninguém em vida, e os vivos não devem ser melhores que os mortos... Schubert, trabalhando num Banco, em vez de contar as notas dos clientes enchia de notas musicais os livros de Balanço... Despedido, para não morrer de fome, escreveu canções populares que o não fizeram muito acreditado pelos músicos da época e até mesmo combatido por Werber. Escreveu a Goethe pedindo permissão para musicar seus versos mas Goethe não o respondeu... Poucos da época sentiram o valor de Schubert mas, entre estes, Beethoven, no seu leito de morte, fez-lhe elogios. Escutem o Momento Musical de Schubert. Que espetáculo! Desiludido no seu amor, rasgou a parte final de sua imortal composição: A Sinfonia Inacabada, que vocês conhecem. Foram muitos os músicos que destruíram suas obras, por serem temperamentais... Bizet foi um deles. Ele que aos quatro anos lia música e fazia parte de um coral, no fim da vida desiludido com a crítica, destruiu a maior parte de sua obra. Vocês

conhecem a Carmen de Bizet. Sabem, ele teve um ressentimento com o pai, e este com ele por causa da música. O pai o queria médico e mandava a mesada para o estudo de Medicina que Bizet gastava nos saraus literários para ter a companhia de Vitor Hugo, Balzac e Alexandre Dumas e ainda poder ver as representações das peças de Shakespeare ou ouvir as Sinfonias de Beethoven.

Poderia ter sido grande médico e grande músico, se tivesse vocação para ambas. Borodine não foi grande músico e grande Químico-orgânico? Era filho natural de um príncipe russo mas nenhum de seus reais antepassados foi grande como ele. Veja, Ribbenboim, você poderá ser um grande Matemático e um grande músico. Basta ter vocação para música e engenharia, por exemplo.

O ser temperamental, até que ajuda um pouco... Muitos músicos foram temperamentais. Um deles foi Brahms. Apresentado a Liszt, que ajudou a tantos, foi seu inimigo, combatendo-o, a Berlioz e a Wagner. No entanto teve grandes amigos como Schumann e Johan Strauss, cuja música vocês conhecem. Analisem, com muita atenção o 3.º movimento da 3ª Sinfonia de Brahms. Que perfeição!

Terrivelmente temperamental foi Wagner, com uma vida toda agitada. Fugiu num bote de Riga, em plena tempestade para se livrar dos inúmeros credores... Fugiu de Dresde, às pressas, onde foi condenado à morte pela participação ativa num golpe revolucionário. Fugiu de Zuric, da casa de um seu protetor, pelo escândalo que armou sua mulher dizendo ter ele se tornado amante da mulher de seu acolhedor... Em toda a sua vida atormentada foi, contudo, sempre seguro de ser um grande músico. Era extremamente vaidoso e usava até cinta para ficar com a cintura fina... Tanto mais suas óperas eram vaiadas mais ele se considerava um gênio. E este grande gênio foi reconhecido por Liszt, que o ajudou. Trocou de esposa com um pianista e passou a viver com Cosima, filha de Liszt e ex-esposa do pianista Bulow, que foi outro que Liszt protegeu.

Esta Cosima, era bem mais nova de que Wagner, e morreu há 15 anos, quando alguns de vocês nasciam, em 1930.

Meus paraninfados, foi neste momento que bateu o sinal para o fim da aula e eu saí da sala, apressadamente sem responder as explosões de perguntas que vocês me faziam, contrariando meus hábitos. Eu sabia que atrás da porta, estavam Dr. Frederico e Mr. Wright à minha espera. Com permissão do nosso diretor, conto o que me foi dito por ele: "Sabe, a tal característica de greve não se caracterizou. Gostei da experiência e chego a conclusão que as aulas, mesmo de música, devem ser romanceadas. Mas, você não precisava inventar tantos casos!..."

Ninguém foi suspenso, ninguém foi excluído mas, em consequência daquela aula, em que fui mexer na seara alheia, sabem quem levou a pior?

Fui eu.

Foi agora no fim do ano. Fui procurado pelo nosso parainfado Federovsky que me disse: — Professor, não posso ser reprovado em Geografia e estou perigando em sua matéria... O senhor entende, vou me inscrever no Curso para Maestro e preciso do diploma do 4.º ginásial... Desejo ser músico e não geógrafo e preciso de sua compreensão...

Olhei para Federovsky e pensei: que malandro, aproveitase do meu entusiasmo pela música...

Perguntei a queima roupa: — Qual o seu instrumento?

— Violino, Professor.

Violino... Achei de pregar uma peça em Federovsky, pois ele não sabia que era o meu instrumento... Levei-o para a sala dos Professores, subi ao meu quarto e trouxe o meu violino e a partitura do Moto Perpétuo de Paganini que me havia emprestado o Prof. Lambert Ribeiro. Entreguei a Federovsky o violino (não deixei de observar o espanto dele vendo o instrumento) fiquei com a partitura para acompanhar e disse: — Toma! Execute, sem um erro, o Moto Perpétuo de Paganini, de cor. Se você fizer eu lhe aprovo em Geografia...

Federovsky exitou e eu insisti, quase sádico...

Foi então que ele tomou do violino e executou com perfeição, a difícil música de Paganini!

Fiquei boquiaberto e tive de me sentar numa cadeira...

Veio o exame. Meu Deus! Eu fazer um exame forjado?

Ponto sorteado. Fiz as perguntas mais difíceis a Federovsky. Quem tinha aquela memória auditiva, capaz de não errar sequer uma nota de Paganini, deveria saber Geografia.

De fato, não errei. Federovsky respondeu a tudo, com perfeição. Estava legalmente aprovado...

Ele e eu...

HAI — KAIS

(Do livro: Versos — 1944)

Destrói sem guarida

beleza da luz pureza,

o prisma da Vida!

Prenderam — que horror! —

ladrão de um naco de pão

do irmão negador!

Só por passatempo,

fechei tudo que amei,

no armário do Tempo...

Suplicam à tarde

cigarras, em algazarras,

ao sol que retarde...

Pousadas nas flores
borboletas são vedetas
de novos amores.

Tarde purpurácia.
Faz desdouro de seu ouro,
chorando, uma acácia...

Por entre a neblina,
devassa a lua a vidraça,
atrás da colina...

Da idade longaeva,
fazia filosofia,
a serpente de Eva...

Impor ao Ser: Fome
e impor para à espécie: Amor
que a Vida consome...

Lavei minhas mágoas
na fonte do invisível monte,
no cristal das águas...

Façamos da idade —
instante não retornante —
uma Eternidade.

Do espaço sem guerra,
irmão, peguei condução
que chamam de Terra...

Sorri, persisti,
desejei, amei, chorei,
sofri e aprendi...

Plantação. Percorro
o local do cafezal.
Quem penteou o morro?

Transforma em ladrão
do formal emocional,
a tua visão.

Valor é somenos...
Ultrapassa, com graça,
aos homens, a Venus...

FANTASIAS

Nas minhas fantasias de outra idade
vivi, sorrindo, os mágicos cismares
que se foram, sozinhos pelos mares,
buscando nova luz na imensidade.

E desde então, da minha soledade,
tentei gritar, ao mundo, os meus pesares
à maneira de sons, que alcei nos ares,
em doces vibrações de alacridade.

No entanto, a fantasia de criança
por onde, na ilusão, andei cismando
sobre o logro do quanto fui sonhando,

vem revelar-me, agora, que a esperança
daquele anseio belo e tão risonho,
morreu no instante em que morreu meu sonho!

RETORNO À INSIPIÊNCIA

Busquei fugir da triste e vil insipiência
através do formoso encanto dos anseios,
que acende nova luz na própria consciência
anulando a pressão de todos os receios.

A Beleza outorgou-me a desejada essência
e nas Artes logrei, em mágicos enleios,
sentir na vibração, de cândida inocência,
o mundo encantador em doces devaneios.

Com tal identidade e graça dos encantos
joguei para bem longe o véu da escuridão
para entender, por fim, o sofrimento humano.

E fui quadrilongando, em tristezas e prantos,
mal vislumbrando à luz bendita da razão
a presença fatal do eterno desengano!

DEBALDE...

A despeito de seus instintos rudes
eu a quiz, com loucura e com delírio
e busquei dar-lhe a essência das virtudes
encontradiças no primor de um lírio!

Indiquei-lhe o valor das atitudes,
na fantástica estrada de martírio...
em branda sinfonia de alaúdes,
à doce luz monótona do um círio.

Tudo debalde! O tempo foi passando
e o meu querer, no tempo foi crescendo,
qual as ondas coléricas do Mar

que, volta após a ser um lago brando,
em flagrante contraste esclarecendo
a mentida expressão de seu olhar!

SUBLIMAÇÃO

A alma fica melhor, quando o jugo sacode
e transcende, mais alto, acima dos pesares
erguendo, com amor, aos divinos altares
onde rezar, contrita, a quem rezar não pode!

E convertendo em sons a imensa dor que explode
caminha, engrandecida, engalanando os ares,
buscando sorridente essências luminares
a conduzi-las, grave, ao soturnal Pagode.

De lá retorna e vem de radiações seguida,
iluminando a treva insondável da vida
e, ao redor, derramando os imensos fulgores

de uma luz que reflete o doce sentimento
e chega a Deus, transpondo o próprio sofrimento,
transmutando o pesar em pétalas de flores!

MÃOS

As mãos que outrora, em fase promissora,
colheram os vadios sons do espaço,
transformando-os em nota encantadora
na magia do rítimo e do compasso!

Que moldaram a forma sedutora
com cinzelado apuro, em largo traço,
e que foram, no ensino, a redentora
das almas redimidas do fracasso!

Que fizeram matizes tão diversos,
em telas onde a sideral Beleza
falaram da Poesia e dos seus versos,

são hoje feito as almas dos descrentes
que fugiram da própria Natureza
e não transmitem mais os sons dolentes!

ANSEIOS

Deixou-me a Fé! A imensa fé que guarda
as nuances formosas do viver,
e que caminha sempre na vanguarda
e leva tudo em volta a florescer.

Mas todo o Bem o próprio Mal resguarda,
anulando a razão do bem querer
e tira à vida a nota mais galharda
e leva o sonhador a padecer.

Aniquila a esperança mais querida
e anula tudo de melhor na vida,
tal como se esmagasse a própria flor...

No entanto, alguma vez, sinto que aflora
o anseio de planar espaço afora
e conquistar, de novo, aquele Amor!

AMNÉSIAS...

(1971)

Não sei em que recanto da memória
deixei, acaso, em lance impenitente,
o meu batel de sonhos e de glória
ancorado num porto inexistente.

Tento, em vão, recompor a velha história
e mal consigo definir ridente
uma pálida imagem ilusória
que vem ligeira e foge de repente.

Mas sei que existe alguma prateleira
e nela, numa estante encantadora,
hei de encontrar minha ilusão perdida

que desejo, com ânsia verdadeira,
ter comigo de novo sedutora
para afinal, reformular a vida!

ÁLVARO: MEU PAI, MEU FILHO

(1961)

Meu pai:

Julguei ter sido o melhor dos filhos...

— Até que tu vieste,

Álvaro, meu filho!

Meu filho:

Julguei ter sido o melhor dos pais...

— Até te compreender,

Álvaro, meu pai!

O BOM CARNAVAL

(1958)

Menino cachumba
de um olho virado
no meio da orgia
fazendo zambumba
num bumbo furado,
com tanta euforia.

No meio da festa
do bom carnaval
ninguém o repele,
ninguém o molesta
nem zomba, de mau,
do sujo da pele.

Ninguém se apercebe
que é o mesmo menino
que vive largado
no meio da peble,
que vive sem tino,
que vive jogado.

Menino zangado,
moleque atrevido,
nem leva p'ra casa
recado mangado,
ou feio apelido
de gente de vasa.

P'ra casa? Quem disse
que a pobre criança,
tem casa de gente
e tem meninice
e tem abastança,
ou tem leite quente?

Moleque de rua
cresceu sem ninguém
dormindo ao relento
em noite de lua
sentindo desdém
no seu sofrimento.

E quando chovia,
em baixo da ponte
tremendo de frio
ficava à vigia
lembrando do monte
lembrando do estio,

das jacas gostosas,
goiaba madura,
do pé de mamão,
das mangas cheirosas,
pitanga doçura,
do bom jamelão.

Mas, perto da gente
menino chorava
por ser desprezado
qual fosse um demente
que a gente xingava
de gato danado.

E quando queria
fazer um amigo,
p'ra ter o direito
de alguma alegria,
já vinha o castigo
de um triste conceito:

Ladrão, é capaz.
Precisa de açoite
se tem tal costume.
Quem sabe o que faz
metido na noite
no véu do negrume?

Mas veio, contudo,
(custava mas vinha)
o bom carnaval,
chamado de entrudo,
que certo continha
de Deus, o sinal.

Milagre notável
igual não se vê,
pois tudo que é mal
se torna em afável
(quem sabe por quê?)
no bom carnaval.

Ninguém mais se ri,
de um olho virado
do grosso pescoço
do pobre guri
inchado de um lado
num grande caroço.

Ninguém lhe caçoa
de ser mal cheiroso
de ser intrujão.
Nenhuma pessoa
lhe chama asqueroso,
lhe chama ladrão.

Meu Deus, como é bom
o bom carnaval
pois toda esta gente
já fala outro tom
sorrindo, afinal,
num riso crescente.

Cantando, brincando
com ele também
achando até graça,
do bumbo rasgado
no seu bate-bem,
da cara palhaça,

do seu desajeito,
de sua risada,
da boca sem dente,
do jeito e trajeito
que faz na pisada
pulando p'ra frente.

Por que, ó Senhor,
não é toda gente
assim, sempre igual
não tendo rancor
e o riso presente
ser sempre real?

Por isso o menino
de cara de horror
e riso medonho
implora ao destino
um pouco de amor,
um pouco de sonho

e pede bem fundo
de seu coração
p'ro bem ser normal
e bom todo mundo
e um ano grandão
do bom carnaval!

E TUDO, É CÃOS?

(1953)

Espanei a mais nova poeira
das coisas mais recentes
que se foi acamar
na secular poeira ordinária
das velhas coisas.
Foi então que os enigmas se eclipsaram
atrás dos problemas.
E tudo se encheu com a fumaça da dúvida
que foi crescendo, crescendo...
E o infinito,
é maior do que Deus?
E a dúvida,
é dedutiva ou indutiva?
Então, o mundo objetivo começou a esmagar
o meu mundo subjetivo...

Pedi socorro à Estética.

Ora, ...A Estética!...

Ela não define essências...

Quer ser entitativa

e não operativa do Bem!

Não! Não pode!!!

Desejo a virtude

do intelectual prático!

Mas, quem se comove:

a alma ou a razão?

A qual das duas eduquei?

Por que? Para que?

Se não sei de onde vim

nem para onde vou...

Será que vim?...

Será que vou?...

Será que tudo é caos?!

CALIXTA

(1959)

Esta Iguaçu de outrora, tão pujante
que nas ruas de pedras assentadas
repassava o cortejo deslumbrante,
foi palco de paixões desenfreadas.

Uma escrava de corpo provocante
e que dentre as que foram alforreadas
queria, num desejo alucinante,
desafrontar a mãe das chibatadas.

Prometendo o seu corpo de penhor
declara que será do mais valente
instigando aos dois filhos do Senhor.

Dizendo que ao herói nos braços cai
um dos filhos transforma-o em demente
matando seu irmão e o próprio pai!

O FIM DO PRINCÍPIO

(1954)

Eu andei.

Andei depressa, do categórico ao hipotético.

Bem apressado, na procura do Princípio.

E, na temporalidade essencial do verdadeiro,
joguei para bem longe as lentes da minha fé.

Abri a janela da anti-matéria

olhando lá para o fundo,

na ponta do infinito,

a inexatidão dos sentidos definidos,

onde as estrelas não tem forma, nem cor, nem calor.

Foi por isto que eu dei o meu tempo a mim mesmo
para não gastá-lo no espaço onde deixei minha sombra,
porque lá não nascem as manhãs...

E procurei, procurei...

nas dobras do sem fim,

onde se perderam os estilhaços da Verdade
da primeira coisa que moveu todas as outras.

Mas, meu idealismo

que prescindia dos fatos reais

dependentes de minha consciência,

não quiz caminhar comigo,

já que meu pensamento

não me queria deixar só...

Então voltei de lá debaixo das dobras

amarrotadas do infinito.

Voltei depressa, bem depressa,

para a intuição sensível

que não precisa demonstrar

as verdades sistemáticas

do Bem, do Belo e do Justo!

COMPENSAÇÕES...

(1971)

Devera a vida para todos ser
uma balança de compensação,
onde fosse encontrado esse prazer
do prêmio dado a cada Dor em vão.

Talvez houvesse, ou deveria haver
calcado, certamente na Razão,
o desejo do imenso bem querer
a todo ser que padecesse ou não.

No equilíbrio que essa lei mantém
a cada Dor devera um riso haver,
pois é penoso de se ver também

na vida afora, com esforço tanto,
quem pelejando para a Glória ter
chegasse ao fim e só colhesse o Pranto!

NO CAMINHO DA GNOSIOLOGIA

(A Alvorada - 1956)

Do deserto dos dogmas das razões supremas,
no criticismo agreste, aos vis estratégias,
eu subí na montanha.

E vi os relativismos dos pontos de vista
desse perspectivismo, olhando dessa crista
que a razão nunca estranha...

Julguei que o historicismo era esse mau caminho
que dava ao pragmatismo uma senda de espinho
ao castigo dos atos.

Mas, nas verdades falsas do meu ficciosnismo,
eu perdi na floresta o próprio ceticismo
do intangível dos fatos...

MINHA ASPIRAÇÃO

(1970)

A poesia a que aspiro e quero agora,
só falará dos corações humanos
para tratar dos próprios desenganos,
que vão comigo pela vida afora.

Há de mostrar da sorridente aurora,
os coloridos mágicos e ufanos
que se perderam no verdor dos anos
e em minha mente, vez por outra, aflora.

Retratará, decerto, essa emoção
que foi, por mim, alguma vez sentida,
em passageira e doce transição...

Para ficar, sozinha na lembrança,
marcando o ritmo belo desta vida,
iluminando a estrada de esperança!

ESTÓRIA DE FUTEBOL

(1962)

No encerramento, no final do estudo
e logo após a entrega do "canudo",
propôs o velho Mestre, no terreno
do Campo das Virtudes, tão pequeno,
disputar um torneio de "pelada".
Por ser pequeno o campo, por jogada
seiam oito em quadro disputando
e apenas quatro quadros pelejando.
Bondade, Dignidade, Temperança
e Justiça, são nomes de esperança
que o velho Mestre deu a esse torneio
para concretizar um grande anseio...

No quadro da Bondade, com carinho,
 deixou no gol o Assis, o garotinho
 que a todo passarinho tinha apego;
 bom Aquino e Agostinho, o contra o grego,
 ficaram na defesa; o meio é fé
 pois ele traz Confúcio, o que anda a pé,
 junto a Kant, metódico e soturno
 que se extasia olhando o céu noturno,
 e Stendall, grande prêmio em Matemática;
 a linha faz Sidarta usar a tática
 com Bergson, que jogando na intuição
 quase sempre supera a dedução.

E disse o velho Mestre: — Em alto nível,
 eu creio que a Bondade é imbatível.

No quadro Dignidade, tem magia
 Tales no gol, pegando em geometria;
 gozador Epicuro é a defesa
 com Licurgo, menino de nobreza;
 Pithágoras jogando pelo flanco,
 gostando de jogar todo de branco,
 no centro o grande atleta que é Platão
 tendo ao lado Aristóteles, que então
 de tudo vai fazendo experiência;
 a linha com Láo-Tsé a consciência
 de um quadro com amor e dignidade,
 e Spinoza, jogando na verdade.

E o velho Mestre disse pra torcida:
 — Dignidade jamais será vencida!

Demócrito, no gol do Temperança,
 chama todos de loucos sem lembrança;
 Isócrates faz par com Epiteto
 formando na defesa um bom dueto;
 Anaxágoras joga bem no meio,
 pois gostava do centro do recreio,
 tendo Spencer e Sêneca ao seu lado,
 o que levou de Nero um bom surrado;
 na linha joga Russell, bom menino,
 que da literatura fez um hino,
 e mais Voltaire, nariz de papagáio,
 cuja ironia rasga como um ráio.

E disse o velho Mestre satisfeito:
 — Temperança é invencível, deste geito!

Põe no gol da Justiça, com alívio,
 o contador de fatos, Tito Lívio;
 na retranca, Demóstenes, gagueio
 e Solon lamentando e, em murmurinho,
 declamando poesia com esmero;
 no meio-campo Heráclito, o anti-Homero,
 com Descartes que faz por incutir
 que o quadro vai pensar para existir,
 e Plutarco, que sempre dava cola
 a Shakspeare, Corneille e outros da Escola;
 Emerson e Rousseau, na linha, bramam
 que os alunos são bons se não se inflamam.

Clama o Mestre: — É verdade tal premissa.
 Não há quadro melhor que o da Justiça.

A Escola não se deu por satisfeita
na escalação dos quadros, que foi feita
e impondo, aos gritos, foi mais um formado
o qual de Humanidade foi chamado.

A Temperança empata com Bondade;
empatam a Justiça e a Dignidade.

Mais duas trocas, deram quatro empates
até que aconteceram disparates:
e todos, um por um, foram jogar
co'a Humanidade, sempre a os derrotar,
a qual bateu em Sócrates, Juiz
imparcial e sábio, em diretriz.

E disse o velho Mestre, estupefato:

— Não posso acreditar ser isto um fato...

Mas quando ao quadro deu mais atenção
e viu da Humanidade a formação
ficou o velho Mestre preocupado,
nem pode controlar-se, conturbado:
No gol Nero; defesa Gengis-Kan,
sem juízo, diziam ser tam-tam,
e Herodes; meio campo Teodorico,
Calígula, o monstro, e Genserico;
Formando a linha, em jogo arrazador,
Átila e Hitler, os quais já tanta dor
causaram aos colegas da Bondade,
Justiça, Temperança e Dignidade.

E disse o velho Mestre, com piedade:

— Ninguém controla mais a Humanidade...

SETE PALMOS DE TERRA

(1951)

Eram as causas, da Natureza,
do como, ontológico,
do ser, enquanto ser,
independente de modos e manifestações,
apenas na especulativa observação.
Mas, tudo foi transmutando
para matemáticas fórmulas,
tecnicamente,
de explicações empiriológicas
de porquês.
E, morreu o sonho...
E a Arte ficou a ser medida
calculada, programada.

Regras para ouvir...

Sons, em frequência de vibrações por segundo,
sonantes ou não, de intervalo maior ou menor.
Intensidade no inverso do quadrado das distâncias.
Timbre na ocorrência dos harmônicos,
osciloscopicamente analisado.
Tempos em valores de semibreves,
em andamentos de compassos,
micrometrados em metrônomos,
modificados nas quiálteras,
na quadratura de ritmos...
Alturas, nas ciclagens aferidas
entre dezesseis e cinco mil ciclos,
passando pelos quatrocentos e quarenta,
nas escalas cromáticas ou diatônicas
crescentes, decrescentes, pentagramadas.

Regras para ver...
 Linhas e sombras,
 fortes e fracas,
 para primeiros e segundos planos.
 Rebatimentos e projeções,
 épuras e afastamentos,
 módulos, cotas e gabaritos,
 pontos de fuga e distância.
 Cores frias e quentes,
 primas e compostas,
 claras e enfumadas na gradação cromática
 da perspectiva aérea.
 Planos arquitetônicos
 em relações métricas,
 em números áureos,
 em disciplina de escolas.

Colunas e capitéis,
 sem misturas de jônicas e dóricas
 de coríntias e toscanas,
 de clássicas e modernas.
 Regras para a fantasia,
 metrificada de dois a doze pés
 em jambos e anapestos,
 em troqueus e dáctilos,
 do monômetro ao hexâmetro.
 Finais agudos, graves ou esdrúxulos.
 Redondilha menor,
 redondilha maior.
 Modos heróicos e sáficos,
 e alexandrinos,
 com hemistíquios,
 elisões e cesuras,

ou de rítimo ternário e quaternário
Sinéreses e diéreses,
estrofes simples e compostas.
Rimas em parelha,
tercetos encadeados,
quadras alternadas,
arabescos nas oitavas ou troantes no triolê,
e os quatorze versos do soneto,
que não devem ser soltos...
Rimas pobres, ricas ou toantes
e estrofes à luz dos silogismos,
dos termos e premissas.
Empiriosquemáticamente...
Pois é!...
Foi com este artesanal
que fizeram o caixão do sonho...

MEMÓRIA

(1952)

Memória computadora
das conseqüências,
dos armazenamentos intelectivos,
dos confrontos chocantes
dos mundos objetivo e subjuntivo.

Memória que plasma o ego
pelos que estimulam ou desencantam;
pelos que investem ou retrocedem;
pelos que se submetem ou reagem;
pelos que abnegam ou são egoístas.

Memória somática
que se derrama pelo corpo
em imagens de anti-corpos,
em conhecimento de virus,
em todos os seus antígenos,
em todos os adjuvantes,
na humanidade humoral.

Memória autônoma
que supera a Razão
no estado hipnótico,
livrando-se do freio
da inibição consciente.

Memória ionizada
de irradiações magnéticas
nas transmissões telepáticas,
nas vibrações metapsíquicas.

Memória transcendental
que aspira a eternidade
e que deseja ficar
na poesia dos versos,
na cor das pinturas,
no som das músicas,
na forma das esculturas,
nas linhas arquitetônicas,
na lembrança dos gênios.

Memória
que identifica o ser
no seu esforço descomunal
de ficar
com a memória memorável!...

GRITOS

(1979)

Grito, mas não espero que respostas
porque seria o ressurgir medonho,
de lembranças que vi surgir em ondas
aqui mesmo, em período mais risonho

quando o luar, em solitárias rondas,
vinha tecer, monótono e tristonho
traços que agora são manchas hediondas
na enganadora esteira de meu sonho.

E gritos, que fizeram certamente
anular por inteiro meu anseio
refletindo o passado no presente,

são seqüência, afinal, de cada grito,
promessa tão mentida que só veio
promover um desfile no infinito!

É ESTRANHO... É ESTRANHO...

(1941)

Mas, quanto é estranho o projeto
da flor esperar o inseto
para a polinização
na sua fecundação.
E descerem para o mar
pelos rios a nadar,
os salmões que vão morrer
sem verem prole nascer...
E que exista certo peixe
que enterre na areia e deixe
seus ovos longe das ondas...
E que razões hediondas
que fazem fêmeas enguias
nadarem por tantos dias
descendo os rios pro mar
para ali se acasalar
com machos que estão no fundo
do longe mar - outro mundo -
e logo depois morrerem
sem ver filhotes nascerem...
Também parece-me estranho
seguir o enguia, em rebanho,
tão distante no oceano
enquanto por quase um ano
a filhote fêmea vai
subindo o rio que a atrai...

E aquelas tartaruguinhas,
 que nem parecem marinhas,
 sem mãe, nascidas na areia
 irem logo à maré cheia
 e que elas viram jamais,
 sem aprender de seus pais...
 Como podem certas aves,
 que enfrentam perigos graves,
 atravessar oceanos
 de muitos meridianos...
 E os pequenos parasitas,
 transitórios eremitas,
 morarem num hospedeiro
 fazendo-o só de viveiro
 E, como crer, - isto pasma
 na "sapiência" do plasma
 ao ver os glóbulos brancos
 atacarem pelos flancos
 no "recordar" das vacinas
 na história de outras chacinhas...
 E da lição milenar
 de arrumação celular
 codificar cromossomas
 em pares de tantas somas...
 Fico a pensar, a pensar,
 sem poder solucionar
 dentre os maiores mistérios
 se nem encontro critérios
 em saber também por quê
 gosto tanto de você...

Na página	linha	Onde se lê	Leia-se
38	15	Enveneram-me	Envenenaram-me
56	17	seconheceu	se conheceu
90	24	Medeiros de Albuquerque	Medeiros e Albuquerque
68	1	diretora	regente
96	35	toma	torna
117	16	peble	plebe
131	7	seiam	seriam
140	15	aereos	áureos
145	5	subjuntivo	subjetivo

Composto e impresso na oficina de
 Ensino Profissionalizante do
 COLÉGIO AFRÂNIO PEIXOTO
 R. Afrânio Peixoto, 99 - Nova Iguaçu
 CGC 30.819.841/0001-96

